

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
INSTITUTO DE FILOSOFIA - IFILO

GIOVANI CORBETTA DE PAULI

A filosofia antiga como maneira de viver  
Da antiguidade à contemporaneidade, segundo Pierre Hadot

Uberlândia-MG

2023

GIOVANI CORBETTA DE PAULI

A filosofia antiga como maneira de viver  
Da antiguidade à contemporaneidade, segundo Pierre Hadot

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
ao Instituto de Filosofia da Universidade  
Federal de Uberlândia como requisito parcial  
para obtenção do título de bacharel em  
Filosofia.

Área de concentração: Filosofia Antiga e  
Metafilosofia

Orientador: Rubens Garcia Nunes Sobrinho

Uberlândia-MG

2023

GIOVANI CORBETTA DE PAULI

A filosofia antiga como maneira de viver  
Da antiguidade à contemporaneidade, segundo Pierre Hadot

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
ao Instituto de Filosofia da Universidade  
Federal de Uberlândia como requisito parcial  
para obtenção do título de bacharel em  
Filosofia.

Área de concentração: Filosofia antiga e  
metafilosofia

Uberlândia, 30 de janeiro de 2023.

Banca Examinadora:

---

Rubens Garcia Nunes Sobrinho – Doutor (UFU)

---

Fernando Martins Mendonça – Doutor (UFU)

Dedico este trabalho a todo o curso de Filosofia da UFU, a quem fico lisonjeado de ter feito parte; ao meu amigo, Mateus H. Patrício, e ao meu amor, Karênina Milosevic, por ter me ajudado a revisar esse trabalho.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, acima de tudo, aos meus pais e irmão, por me ajudarem sempre nas horas que mais precisei;

À minha namorada Karenina Milosevic por todo o apoio e paciência nos estudos e no companheirismo;

Ao meu amigo Mateus Henriques Patrício por todo aprendizado construído junto com ele, por toda a paciência e compreensão e por toda ajuda ao realizar esse trabalho; e aos seus pais, Márcio e Teresa, por todo suporte que me deram;

Ao meu amigo e professor Leonardo Ferreira Almada pela força e aprendizado nos primeiros semestres do curso;

Ao meu professor Fernando Martins Mendonça por me ajudar a aperfeiçoar os estudos e a escrita, além de aprimorar o olhar crítico e filosófico perante as coisas;

Ao meu professor orientador Rubens G. N. Sobrino por todos os ensinamentos, pela calma e pela compreensão durante essa jornada e também por me fazer entrar em contato da melhor forma com a filosofia antiga;

E a todos do curso que pude ter a oportunidade de conversar e poder aprender o mais importante: a me tornar cada vez uma pessoa melhor e aperfeiçoar a minha visão de mundo.

“[...] muitos filósofos são admirados por seus silogismos, mas se contradizem em suas vidas”

(LAÉRCIO, Diógenes)

## RESUMO

A Filosofia que conhecemos hoje passou por várias transformações ao longo da história. Além disso, ela nunca se mostrou homogênea e nem que houve um consenso sobre o que é a Filosofia e nem em suas práticas. Nesse contexto, esse trabalho tem como objetivo principal defender que antigamente a Filosofia era praticada por meio de exercícios espirituais, os quais deixaram de fazer parte da prática filosófica. Para tanto, realiza-se uma análise comparativa partindo da filosofia antiga, na Grécia no período helenístico, e chegando até a contemporaneidade. O objetivo secundário é analisar a filosofia contemporânea à luz da filosofia antiga e traçar um paralelo entre essas duas formas de filosofar a fim de responder se hoje a filosofia tem a mesma utilidade de antigamente. Para realizar esses objetivos, será analisada a obra de Pierre Hadot, *Exercícios Espirituais e Filosofia Antiga*, a de Jean-Joël Duhot, *Sócrates ou o despertar da alma*, e a de Henry David Thoreau, *Walden*. Com essa pesquisa chegamos à conclusão de que hoje a Filosofia, sem a prática dos exercícios espirituais, tornou-se uma área de conhecimento acessível a poucas pessoas, tanto na questão física das obras, quanto na compreensão de textos. Além disso, foi possível concluir que apesar da Filosofia ter perdido uma característica considerada essencial para o modo de se praticar a filosofia antiga, ainda assim ela mantém a sua utilidade para nós enquanto seres pensantes com um objetivo de nos tirar uma certa urgência utilitária.

**Palavras-chave:** filosofia antiga; modo de vida; metafilosofia; exercícios espirituais.

## ABSTRACT

Furthermore, it has never proved to be homogeneous nor that there was a consensus on what Philosophy is or on its practices. In this context, this work has as main objective to defend that in the past Philosophy was practiced through spiritual exercises, which are no longer part of philosophical practice. For that, a comparative analysis is carried out starting from ancient philosophy, in Greece in the Hellenistic period, and reaching the contemporaneity. The secondary objective is to analyze contemporary philosophy in the light of ancient philosophy and draw a parallel between these two ways of philosophizing in order to answer whether philosophy has the same utility today as in the past. To accomplish these objectives, the work of Pierre Hadot, *Spiritual Exercises and Ancient Philosophy*, Jean-Joël Duhot's *Socrates or the awakening of the soul*, and Henry David Thoreau's *Walden* will be analyzed. With this research we came to the conclusion that today the Philosophy, without the practice of spiritual exercises, has become an area of knowledge accessible to few people, both in the physical issue of works and in the understanding of texts. In addition, it was possible to conclude that although Philosophy has lost a characteristic considered essential for the way of practicing ancient philosophy, it still maintains its usefulness for us as thinking beings with the aim of taking away a certain utilitarian urgency.

**Keywords:** ancient philosophy; way of life; metaphilosophy; spiritual exercises.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>2. A FILOSOFIA ANTIGA E OS EXERCÍCIOS ESPIRITUAIS.....</b>	<b>12</b>
2.1 O exercício de aprender a viver .....	13
2.2 O exercício de aprender a dialogar .....	16
2.3 O exercício de aprender a morrer .....	19
2.4 O exercício de aprender a ler .....	22
<b>3. SÓCRATES E A SUA IMPORTÂNCIA.....</b>	<b>27</b>
3.1 A ironia .....	27
3.2 Sócrates-Eros.....	30
3.3 A ascensão da alma .....	32
<b>4. A FILOSOFIA COMO MANEIRA DE VIVER.....</b>	<b>35</b>
<b>5. UMA CRÍTICA À FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA.....</b>	<b>41</b>
5.1 A utilidade e a prática da filosofia na atualidade .....	43
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>48</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>50</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Desde a Grécia antiga podemos ver, por meio das obras que chegaram até nós, que a discussão sobre a natureza e o método próprio da filosofia sempre esteve entre os interesses dos filósofos. Além disso, podemos observar também que a Filosofia parece nunca ter sido homogênea, ou seja, nunca houve um consenso sobre quais critérios cumprir para que uma ação seja considerada uma prática filosófica. Pelo contrário: ao longo da história percebemos que a Filosofia é vasta não só nas formas de se praticar, mas na forma que é produzida, isto é, como tratados, diálogos, aforismos, correspondências, meditações, conferências, ensaios. Portanto, a pretensão de definir o que é filosofia mostra-se nada fácil, já que suas instâncias são extremamente diversas.

Apesar da Filosofia ser plural, parece que discutir sobre o que é a Filosofia não está tão presente hoje, ou, pelo menos, não é algo tradicional nos cursos de filosofia da mesma forma como as áreas da metafísica ou epistemologia, por exemplo. Parece, ademais, que, ao passar do tempo, a produção de material filosófico foi ficando mais restrita, ou seja, o que antes era feito em praça pública, hoje está entre os muros das Universidades. Além da restrição física, podemos observar que parte da atividade considerada “filosófica” reside na difícil compreensão, interpretação e exegese de textos, seja de material acadêmico (material publicado nas Universidades), seja em livros que podemos comprar pela internet ou em livrarias. Com isso, então, podemos nos perguntar: “por que algo que antes era considerado para todos, como queria a personagem Sócrates, hoje está em um campo para poucos?”. Logo, é pensando na importância de discutir sobre o que é a Filosofia que o presente trabalho traz à luz esse tema.

Dessa forma, esse trabalho tem como objetivo principal apresentar as ideias de Pierre Hadot a respeito da filosofia antiga, o qual defende que era praticada por meio de exercícios espirituais em seu livro *Exercícios Espirituais e Filosofia Antiga*, e trazer a discussão até a contemporaneidade. Com isso, pretende-se defender a tese do autor sobre como a Filosofia antiga era tida e sobre o seu modo de praticá-la. O enfoque na filosofia antiga justifica-se pelo fato de ser o berço de grande parte do desenvolvimento do conhecimento filosófico e, assim, chamar a atenção para como que se deu esse início.

Além desse, o segundo objetivo aqui é comparar o modo que se fazia filosofia com a que se conhece hoje nas Universidades. Para isso será feita uma análise, em primeira instância, da posição de Hadot a respeito da mudança do caráter central da filosofia antiga, o qual defende que ela teve seu período de transição no começo da Idade Média. Além disso, será feita uma exposição de algumas ideias do livro *Walden* do filósofo Henry David Thoreau a respeito da

filosofia acadêmica. Com isso, pretende-se estabelecer um paralelo entre esses dois modos de se praticar filosofia e trazer à discussão se houve ou não uma perda de algo essencial para essa área do conhecimento.

A fim de alcançar tais objetivos, é exposto no primeiro capítulo a posição de Hadot sobre a perspectiva metafilosófica dos filósofos gregos, isto é, sobre como os gregos antigos filosofavam. Nele planeja-se explorar o modo como a filosofia era praticada. Diz-se praticada, pois eram por meio de exercícios que se davam, os quais o autor classifica como espirituais. Ele emprega o uso desse termo para precisar que qualquer outro seria limitante, como, por exemplo, “exercícios do intelecto” ou “exercícios morais”, pois vão além de aprimorar o intelecto e a moral. Sendo assim, existem quatro tipos de exercícios espirituais sobre os quais o autor argumenta: (i) o de aprender a viver, (ii) o de aprender a dialogar, (iii) o de aprender a morrer e (iv) o de aprender a ler. Cada um deles destaca uma escola filosófica diferente da época helenística com o objetivo de fazer observar que, apesar de cada uma praticar a filosofia de modos distintos, elas tinham o mesmo objetivo: uma transformação da visão de mundo. Essa transformação fazia o discípulo da escola em questão deixar de lado uma perspectiva empobrecida da realidade, buscando se livrar dos sofrimentos que eram gerados por isso, como a cólera e seguir as paixões de modo desenfreado, por exemplo.

Em seguida, no segundo capítulo, é apresentada a figura de Sócrates tomando como base a imagem que temos do diálogo *O Banquete*, de Platão. Desse modo, esse capítulo procura explorar, em sua totalidade, como essa figura foi importante de uma perspectiva dos exercícios espirituais, e como se dava na prática – isto é, dentro do enredo do diálogo – o exercício de dialogar. Assim, é exposta e analisada a sua famosa ironia e, com isso, o mito de Sócrates-Eros, o qual está presente nesse diálogo. Além disso, podemos ver a análise de Jean-Joël Duhot, em seu livro *Sócrates ou o despertar da alma*, sobre essa transformação de visão de mundo, tomando como base o mito da caverna, contido no Livro VII da *República*, de Platão.

No terceiro capítulo é apresentada a tese que Hadot defende a respeito da mudança do caráter da filosofia antiga. Aqui é feita uma análise em que se procura explorar quando a Filosofia deixou de ter o caráter prático dos exercícios para se tornar uma área pela qual passasse a produzir o material teórico para a Teologia, segundo o autor. A importância desse capítulo está em mostrar que o impacto dessa passagem dos exercícios espirituais para o Cristianismo culminou na filosofia das Universidades, além de traçar um paralelo entre a filosofia antiga e a contemporânea.

Tendo posto isso, passamos para o último capítulo, no qual se faz uma crítica da filosofia contemporânea tendo como base a filosofia antiga e seus exercícios espirituais. Aqui pretende-

se defender que a filosofia perdeu, de fato, um caráter prático, que era comum na filosofia antiga, e se concretizou como uma filosofia puramente teórica, sem o compromisso do aperfeiçoamento da visão de mundo. Disso implica o difícil acesso quando comparada com a filosofia antiga, seja no local onde se pratica ou produz o material filosófico, seja em como é produzido, ou seja, com o tipo de linguagem árdua e morosa de se fazer compreender, ficando limitada a um grupo mais seletivo.

Por fim, o trabalho pretende chegar à conclusão de que a filosofia contemporânea (apesar de não ser homogênea) carece de aspectos valiosos, presentes na filosofia antiga, que corroboram para alcançar o fim visado pela filosofia. Além disso, pretende-se chegar à discussão sobre a função da filosofia que conhecemos hoje, tendo em vista do que era antigamente, e se é possível ou não a praticar hoje em dia. Por último, almeja-se contribuir, mesmo que de forma mínima, com esse tema metafilosófico e de fazer revisitar a filosofia como maneira de viver.

## 2. A FILOSOFIA ANTIGA E OS EXERCÍCIOS ESPIRITUAIS

A Grécia antiga é considerada como o berço da Filosofia. Isso se dá pelo fato dos inúmeros nomes que até hoje se estudam dentro e fora das Universidades. Além disso, podemos observar que nessa época, mais precisamente no período helenístico, existiam várias escolas filosóficas, as quais possuíam um mestre que passava seus ensinamentos a seus discípulos. Tais ensinamentos eram baseados nas teorias filosóficas – geralmente herdadas do fundador da escola, como Epicuro ou Platão, por exemplo – e, com isso, tinham como finalidade moldar a forma desses alunos em agir no mundo. No entanto, para alcançar esse objetivo central, veremos que a filosofia era necessariamente praticada, ou seja, não ficava apenas no campo das discussões de teses filosóficas, mas tinha como cerne as práticas de exercícios. Nesse sentido, Pierre Hadot defende que esses exercícios envolviam um aprimoramento do homem enquanto homem, ou seja, de se fazer não só um cidadão melhor, como se seguirá, mas tornar-se um filósofo.

Dessa forma, ao nos referirmos à filosofia de Hadot, devemos ter muito claro o que são esses exercícios espirituais, os quais perpassam suas obras, e do porquê da palavra “espiritual”. Em primeiro lugar, exercícios porque são propriamente atividades como os treinamentos para se adquirir algum aprimoramento físico, os quais necessitam de disciplina e uma constância, dia-a-dia, nas ações e pensamentos, como será desenvolvido posteriormente. Em segundo, a palavra “espiritual” escolhida por Hadot refere-se não apenas ao aprimoramento do intelecto, ou ético, ou até mesmo do pensamento, mas a uma “[...] transformação de visão de mundo e a uma metamorfose da personalidade”<sup>1</sup>. Esses outros termos fazem parte, mas não conseguem abarcar toda essa transformação que a palavra “espiritual” abrange. Todo esse exercício, segundo Hadot (2014), transcende os limites do intelecto, apesar de suas capacidades, como a definição, a divisão, a retórica, fazerem parte do escopo que esse termo abrange. Assim também para o pensamento e para a moral.

Esses exercícios têm como objetivo principal tentar se livrar do sofrimento humano e buscar uma elevação e uma transformação total do homem enquanto homem, como já foi dito acima. Segundo Hadot (2014), para todas as escolas, seja ela estoica, epicurista, platônica, a causa de todo o sofrimento, desordem e inconsciência para o indivíduo são as paixões não controladas. Fazem parte dessas paixões, por exemplo, os desejos exagerados, sejam eles

---

<sup>1</sup> HADOT, 2014, p. 20.

corporais, como o desejo sexual, os sociais, como querer uma boa visibilidade dos concidadãos desconsiderando um ‘agir bem’; também os medos incontrolados, o que envolve uma preocupação com o futuro e com o passado. Isso está atrelado a uma ignorância do ser consigo mesmo. Dessa forma, a filosofia aparece como uma terapêutica, como diz Hadot,

Cada escola tem seu método terapêutico próprio, mas todas ligam a terapêutica a uma transformação profunda da maneira de ver e de ser do indivíduo. Os exercícios espirituais terão precisamente como objetivo a realização dessa transformação.<sup>2</sup>

O que nos leva, então, a algumas particularidades dessas escolas para podermos observar com clareza como a filosofia era tida como uma prática de exercícios espirituais na época helenística. Essa prática, ademais, era adotada com o objetivo de se realizar durante a vida e é por isso que a filosofia era tida como uma maneira de viver. Hadot aponta em seu livro *Exercícios Espirituais e Filosofia Antiga* quatro características que podemos considerar como pilares para esse estilo de vida como um todo<sup>3</sup>, são elas: (i) o *aprender a viver*, (ii) o *aprender a dialogar*, (iii) o *aprender a morrer* e (iv) o *aprender a ler*. Vejamos com detalhes cada um desses aspectos.

## 2.1 O exercício de aprender a viver

Nesse primeiro pilar (se formos aceitar esse termo), Hadot (2014) aponta as escolas estoica e epicurista para dar de exemplo algumas características que moldavam a vida daqueles que adotavam esse estilo. Começemos, pois, pela escola estoica. Nela, a origem de todo o sofrimento humano se baseia na ignorância de dois aspectos distintos: (i) aquele que contém eventos os quais podemos evitar, isto é, no que concerne às nossas ações, (ii) e aquele que contém eventos os quais não temos possibilidade de intervir e, portanto, não podemos evitar.

Podemos ver um exemplo do primeiro quando olhamos para uma ação moral: no trânsito, no final do expediente, voltando do serviço para a casa, uma pessoa com seu carro fecha uma outra. Essa segunda, que sofreu o “fechamento”, tem algumas opções de como agir nessa situação, mas suponhamos que ela prefira ser compreensiva e não causar mais mal à situação como um todo e, portanto, fique quieta em seu carro. Assim, houve uma escolha, um mal que pôde e foi evitado pela escolha de mais ninguém senão do próprio agente. Para o segundo aspecto, temos o exemplo mais claro e inevitável da vida: a morte. Hadot (2014)

---

<sup>2</sup> Idem, p. 23.

<sup>3</sup> Aqui “pilares” não significa, necessariamente, que todas as escolas se baseiam nesses quatro exercícios, mas que cada uma tem uma característica mais forte em cada um desses exercícios.

conclui, assim, que, para os estoicos, o mal que podemos evitar e o bem que podemos obter dependem exclusivamente da liberdade do homem, quais sejam: o bem moral e o mal moral<sup>4</sup>. Ao contrário disso, tudo o que não depende de nós segue um fluxo alheio às nossas escolhas. É, portanto, um fluxo da natureza a que devemos, como diz Hadot, ser indiferentes, porém aceitá-lo como algo do destino<sup>5</sup>.

Passa-se de uma visão “humana” da realidade, visão na qual os valores dependem das paixões, para uma visão “natural” das coisas, que coloca cada acontecimento na perspectiva da natureza universal.<sup>6</sup>

Essa mudança para tal visão “natural” da qual Hadot (2014) fala não é fácil, e é desse modo que os exercícios espirituais dentro da escola estoica aparecem. Ele prossegue e diz que não há nenhum tipo de tratado que mostre sistematicamente como eram esses exercícios e suas técnicas<sup>7</sup>, mas que, segundo ele, são encontrados com certa frequência algumas menções a eles em alguns escritos da época helenística e romana. Nesse sentido, Hadot apresenta duas listas de exercícios, das quais podemos inferir a influência de um ensino oral tradicional que fazia parte de uma vida cotidiana dessas escolas filosóficas<sup>8</sup>. A primeira lista<sup>9</sup>, segundo o autor, enumera: a pesquisa (*zetesis*), o exame aprofundado (*skepsis*), a leitura, a audição (*akroasis*), a atenção (*prosochè*), o domínio de si (*enkrateia*), a indiferença às coisas indiferentes. A segunda<sup>10</sup>: as leituras, as meditações (*meletai*), as terapias das paixões, as lembranças do que é bom, o domínio de si (*enkrateia*), a realização dos deveres.

Hadot (2014) aponta que um dos exercícios fundamentais para os estoicos é a atenção ao presente. É uma constante vigilância<sup>11</sup> para que se possa ficar sempre atento aos acontecimentos. A consciência é de extrema importância nesse processo também, pois é por meio dela que o estoico observa tais e tais coisas e julga ser ou não algo que dependa de nós. Dessa forma, é necessário um treinamento de todo o ser para que se possa ter sempre a mão os

---

<sup>4</sup> HADOT, 2014, p. 23.

<sup>5</sup> Idem, 2014.

<sup>6</sup> Ibidem, p. 23.

<sup>7</sup> Hadot, porém, diz existir um capítulo nas *Diatribes* de Epiteto, em que o autor descreve algumas formas de exercícios baseados nas três faculdades da alma: a dos desejos, a da ação e do pensamento. (Cf. Nota 17, HADOT, 2014, p. 24)

<sup>8</sup> HADOT, 2014.

<sup>9</sup> Filo, *Quis rerum div. heres*, § 253 *apud* Hadot, 2014.

<sup>10</sup> Filo, *Leg. Alleg.*, III, § 18 *apud* Hadot, 2014.

<sup>11</sup> HADOT, 2014, p. 25.

ensinamentos e as ferramentas desses exercícios para desenvolver uma “[...] tensão constante do espírito”<sup>12</sup>.

Trata-se de se impregnar da regra de vida (*kanon*) aplicando-a pelo pensamento às diversas circunstâncias da vida, como assimilamos por meio de exercícios uma regra de gramática ou de aritmética aplicando-a a casos particulares. Mas aqui não se trata de um simples saber, trata-se de uma transformação da personalidade.<sup>13</sup>

Além disso, o exercício da memorização (*mnemè*) e da meditação (*meletè*) tem sua importância. Esses servem para ter sempre na memória as máximas impactantes, segundo Hadot (2014), para que ajudem o estoico a aceitar os acontecimentos que fazem parte do curso da Natureza. Já a meditação reforça o caráter da presença ao momento presente e que esteja sempre pronto quando se deparar com circunstâncias da vida, lembrando-o de seus ensinamentos.

Para o estoico, filosofar é exercitar-se a “viver”, isto é, a viver consciente e livremente: consciente, ultrapassando os limites da individualidade para se reconhecer como parte de um cosmo animado pela razão; livremente, renunciando a desejar o que não depende de nós e que nos escapa, para se ater apenas ao que depende de nós – a ação reta conforme a razão.<sup>14</sup>

Podemos ver aqui que, para a escola estoica, a filosofia consiste num exercício constante para manter sempre o indivíduo em constante atenção para, em qualquer que seja a circunstância, aplicar seus aprendizados. Além disso, os discípulos dessa escola aprendem também a ter consciência de se viver em um meio que segue um fluxo independente, aquém das escolhas dos seres humanos, o qual é chamado de cosmo.

Apesar do epicurismo possuir algumas semelhanças com o estoicismo, para essa escola não é necessário estar com uma tensão constante do espírito, pronto para aplicar às situações da vida as máximas como se fossem regras de gramática ou de aritmética. Ao contrário disso, Epicuro defendia que a cura da alma consiste em “[...] conduzir a alma das preocupações da vida à simples alegria de existir”<sup>15</sup>. Hadot (2014) diz que, para o epicurismo, o sofrimento é fruto da ignorância, o que faz os indivíduos temerem o que não precisa ser temido e desejar coisas que não são necessárias e que não conseguem manter. Dessa forma, é gerado nele um sentimento de uma preocupação injustificada e de desejos insatisfeitos, como o medo da morte e querer possuir determinados bens, por exemplo. Isso leva a uma privação do verdadeiro prazer: o de existir.

---

<sup>12</sup> Idem, p. 25.

<sup>13</sup> Ibidem, p. 27.

<sup>14</sup> Ibidem, p. 31.

<sup>15</sup> Ibidem, p. 31.

Assim como para os estoicos, para os epicuristas os exercícios espirituais consistem também na meditação constante para se ter, segundo Hadot (2014), “à mão” certos dogmas fundamentais. Nesse sentido, Hadot diz que há o *tetrapharmakon*, isto é, o quádruplo remédio: “[...] os deuses não são temíveis, a morte não oferece risco, o bem é fácil de adquirir, o mal é fácil de suportar”<sup>16</sup>. Dessa forma, portanto, a ética epicurista procura conduzir o discípulo à cura da alma, por meio da distinção

[...] entre os desejos naturais e necessários, desejos naturais e não necessários, e desejos que não são nem naturais e nem necessários. A satisfação dos primeiros, a renúncia aos últimos e eventualmente aos segundos bastará para assegurar a ausência de perturbação e para fazer aparecer o bem-estar de existir.<sup>17</sup>

Há, porém, uma diferença importante dessas duas escolas que vale a pena ser ressaltada aqui, de acordo com Hadot (2014). Diferentemente dos estoicos, os exercícios espirituais dos epicuristas não pretendem levar a uma constante tensão do espírito, antevendo determinados acontecimentos, e sim em se exercitar para se descontrair<sup>18</sup>. Dessa forma, os epicuristas procuravam focar seus pensamentos nos prazeres e deslocá-lo do sofrimento. Há aqui também um exercício de meditação para se manter sempre no momento presente, sem se preocupar com o passado e/ou com o futuro, mas sempre com um sentimento de eterna gratidão em relação à natureza e à vida. Antever determinadas circunstâncias para aplicar os dogmas aprendidos parece estar se preocupando com um futuro e, dessa forma, deixando de ser feliz.

## 2.2 O exercício de aprender a dialogar

O diálogo é um exercício espiritual de extrema importância e é com a figura de Sócrates que podemos ter uma visão clara disso. Em primeiro lugar, é importante destacar que falar de Sócrates sem dúvida é uma tarefa de extrema dificuldade e de muitas imprecisões históricas, mas aqui será tomada a visão de Hadot, o qual se baseia nos escritos de Platão, de Xenofonte e de Aristófanes<sup>19</sup>. Em segundo lugar, quando nos referimos aos diálogos socráticos não significa que são diálogos originais de Sócrates, mas uma imitação em formato literário de seus diálogos<sup>20</sup> escritos por outrem. Os diálogos de Platão, por exemplo, como será visto mais adiante, são socráticos nesse sentido, segundo Hadot (2014).

---

<sup>16</sup> Ibidem, p. 33.

<sup>17</sup> Ibidem, p. 32.

<sup>18</sup> Ibidem, p. 34.

<sup>19</sup> Cf. Nota 79, Ibidem, p. 36.

<sup>20</sup> Cf. Nota 80, Ibidem, p. 36.

Sócrates é uma figura de extrema importância por vários motivos. Um deles é o fato de ser considerado aquele pelo qual faz emergir na consciência ocidental os exercícios espirituais por meio do diálogo<sup>21</sup>. Nos diálogos socráticos, Hadot (2014) defende que a personagem não tem a pretensão de se chegar a uma conclusão x ou y de tal e tal discussão sobre tal e tal problema filosófico. Isso pode ser algo atingido como consequência, mas nunca será o objetivo do diálogo. Ao contrário disso, a finalidade desse exercício é fazer com que o interlocutor volte o olhar para si e, além disso, desenvolva um cuidado e uma atenção de si mesmo. Ora, Sócrates, por meio dos diálogos de Platão, sempre acusa não saber nada, e isso implica que, não sabendo de nada, nada tem a ensinar - “Que felicidade seria, Agatão, se o saber fosse coisa de tal sorte que, daquele que é mais pleno, pudesse ser vertido naquele que é mais vazio”<sup>22</sup>. O diálogo, nesse sentido, é um método que convida seus concidadãos a fazer um exame da consciência em vista de um progresso interior.

Dessa forma, Hadot (2014) defende que o diálogo socrático é ele próprio um exercício espiritual. Não só o diálogo com o outro, mas também um diálogo consigo mesmo. É por meio do exercício do diálogo com o outro que podemos fazer um diálogo interior: “[...] ao exame da consciência, à atenção a si, em síntese, ao famoso ‘conhece-te a ti mesmo’”<sup>23</sup>. Hadot aponta uma dificuldade de interpretar essa famosa máxima, mas é intuitiva a relação do exercício do diálogo com certo autoconhecimento.

Conhecer-se a si mesmo é ou conhecer-se como não sábio (isto é, não como *sophos*, mas como *philo-sophos*, como a caminho em direção da sabedoria) ou conhecer-se em seu ser essencial (isto é, separar o que não somos do que somos) ou conhecer-se em seu verdadeiro estado moral (isto é, examinar sua consciência).<sup>24</sup>

Podemos perceber aqui que a meditação é parte indissociável dessa perspectiva dos exercícios espirituais. Além disso, ela desenvolve no praticante o verdadeiro encontro não só com o outro com quem está dialogando, mas também consigo mesmo. Segundo Hadot (2014), “[...] somente aquele que é capaz de ter um verdadeiro encontro com outrem é capaz de um encontro autêntico consigo mesmo, e o inverso é igualmente verdadeiro”<sup>25</sup>. Analisando esse ponto à luz do exame da consciência, podemos observar que não há aqui uma disputa da posse

---

<sup>21</sup> Ibidem, p. 36.

<sup>22</sup> PLATÃO, *O Banquete*, 175d.

<sup>23</sup> HADOT, 2014, p. 38.

<sup>24</sup> Idem, p. 38.

<sup>25</sup> Ibidem, p. 40.

de uma verdade, mas de se chegar juntos à mudança do ser, estando disposto a mudar de pensamento em relação ao problema discutido e fazer enxergar suas próprias contradições.

Quando nos referimos especificamente aos diálogos de Platão, podemos ver que não há somente um exercício intelectual, mas também, como diz Hadot (2014), espiritual. Assim como existem as dificuldades quando falamos sobre Sócrates, também existem as dificuldades particulares para definir precisamente os limiares dos diálogos platônicos e os diálogos socráticos. Porém, segundo Hadot, o diálogo platônico é sempre socrático de inspiração<sup>26</sup>. Um ponto importante a ser reforçado aqui é que os diálogos de Platão não são diálogos reais, mas que imaginam um diálogo real o qual pretende conduzir não só o personagem interlocutor do diálogo, mas também o leitor, à mudança de ponto de vista. É, como diz Hadot, um “lutar consigo mesmo”<sup>27</sup>, que é o que caracteriza também o exercício espiritual aqui.

Opondo seu método ao dos erísticos, Platão destaca fortemente este ponto: “quando dois amigos, como tu e eu, estão dispostos a conversar, é preciso fazê-lo de uma maneira mais doce e mais dialética. ‘Mais dialética’ significa, parece-me, que não somente dão-se respostas verdadeiras, mas que só se fundamenta a resposta no que o próprio interlocutor reconhece saber”<sup>28</sup>. A dimensão do interlocutor é capital. Ela impede o diálogo de ser uma exposição teórica e dogmática e o obriga a ser um exercício concreto e prático, porque, precisamente, não se trata de expor uma doutrina, mas de conduzir um interlocutor a certa atitude mental determinada: é um combate, amistoso, mas real.<sup>29</sup>

Aqui se faz perceber de forma mais clara do porquê não podemos reduzir esses exercícios espirituais ao que foi explicado mais acima, ou seja, defini-los como exercícios intelectuais, do pensamento, éticos. É pelo fato de o diálogo ter como objetivo mudar, ou até mesmo aperfeiçoar, a perspectiva sobre a questão tratada não de forma isolada – isto é, de passar a defender outra posição sobre epistemologia, por exemplo –, mas fazendo com que essa mudança interfira no modo de pensar e de agir. Em outras palavras, podemos, talvez, dizer que essa transformação ocorre num nível que afeta toda a vida do indivíduo. No exercício espiritual não basta expor uma verdade com o uso de uma retórica rebuscada, mas é necessário persuadir ou, nas palavras de Hadot, “[...] utilizar a psicagogia, portanto a arte de seduzir as almas”<sup>30</sup>. É necessário, então, o uso da dialética:

A dialética, pois, deve escolher habilmente uma via tortuosa, melhor ainda, uma série de vias aparentemente divergentes, mas, todavia, convergentes, para levar o

---

<sup>26</sup> Ibidem, p. 40.

<sup>27</sup> Ibidem, p. 40.

<sup>28</sup> PLATÃO, *Menon*, 75c-d apud HADOT, 2014.

<sup>29</sup> HADOT, 2014, p. 40.

<sup>30</sup> Idem, p. 41.

interlocutor a descobrir as contradições de sua própria posição ou admitir uma conclusão imprevista.<sup>31</sup>

Dessa forma, portanto, o diálogo, segundo Hadot (2014), tem a pretensão de formar não só o interlocutor, mas também o discípulo e o leitor. Assim, todos caminham nesse exercício rumo a se tornarem mais aptos para descobrirem de forma autônoma a verdade. Como já foi dito anteriormente, do diálogo com o outro, passa-se a aperfeiçoar o exercício de dialogar consigo mesmo.

O tema do diálogo conta então menos do que o método que nele é aplicado, a solução do problema tem menos valor do que o caminho percorrido em comum para resolvê-lo. Não se trata de encontrar primeiro e de modo mais rápido a solução, mas de se exercitar de maneira mais eficaz possível na aplicação de um método.<sup>32</sup>

Fica claro, diante de tudo que foi exposto, que os diálogos de Platão não têm como objetivo apenas trabalhar sobre um tema específico, mas também o de formar o discípulo, o interlocutor e o leitor. Essa questão específica da leitura dos diálogos, ou seja, do leitor percorrer o caminho junto com o interlocutor, será explicada mais detalhadamente adiante. É necessário agora discorrer um pouco sobre o terceiro pilar, ou terceiro exercício espiritual, ou seja, o de aprender a morrer.

### 2.3 O exercício de aprender a morrer

O exercício de morte na filosofia antiga está presente em várias escolas e cada uma com características diferentes. Aqui será de grande valia a morte de Sócrates, acontecimento que, segundo Hadot (2014), funda o platonismo. A morte do ateniense é representada pelo diálogo *Fédon*, de Platão. Diálogo em que o autor dá uma definição para o que é a filosofia: “[...] um treino de morrer e de estar morto”<sup>33</sup>. A morte de Sócrates, como diz Hadot, é o acontecimento que mostra a distinção entre a racionalidade do *Logos* com o perpétuo devir e as paixões da vida corporal:

É que o Logos representa uma exigência de racionalidade universal - supõe um mundo de normas imutável - que se opõe ao perpétuo devir e aos apetites mutáveis da vida corporal individual. Nesse conflito, quem permanece fiel ao Logos corre o risco de perder a vida. Essa foi a história de Sócrates. Sócrates foi morto por fidelidade ao Logos.<sup>34</sup>

---

<sup>31</sup> Ibidem, p. 42.

<sup>32</sup> Ibidem, p. 43.

<sup>33</sup> FÉDON, 64a-b.

<sup>34</sup> HADOT, 2014, p. 44.

Essa escolha de estilo de vida parece, então, se opor ao que está no cotidiano da cidade. Isso envolve os padrões de comportamento e de pensamento, o que pode ser visto pelas acusações de Sócrates no diálogo *Apologia de Sócrates*, de Platão. Ademais, esse exercício de morte tem como característica principal a renúncia dos desejos e paixões do corpo para uma dedicação ao caminho em direção ao que é imutável. Em linhas gerais, nesse diálogo de Platão, Sócrates tem a escolha de ou aceitar o que estava sendo imposto a ele, ou seja, de parar de praticar filosofia, ou morrer<sup>35</sup>. Sobre a sua escolha, Hadot diz que “[...] é precisamente a escolha fundamental e pode-se então dizer que a filosofia é exercício e aprendizado para a morte, se é verdadeiro que ela submete o querer viver do corpo às exigências superiores do pensamento”<sup>36</sup>.

É importante destacar que esse exercício de morte não é algo literal, mas um exercício que busca “separar” a alma dos desejos vinculados ao que é mutável. Isso significa, dentro da filosofia platônica, que tudo o que está nessa realidade em que vivemos é de um grau inferior à realidade inteligível e, portanto, devemos nos desvincular dela. Em outras palavras, como o próprio termo já diz, é a realidade sensível, conhecida apenas pelos sentidos, sendo esses algo que possamos pôr em dúvida facilmente pelo fato de poder nos enganar<sup>37</sup>. Dessa forma, apesar de ser algo dubitável, não devemos desconsiderar a importância que os sentidos possuem para uma ascensão do conhecimento (mas aqui não é o foco desenvolver esse tema). No que se refere ao corpo, ademais, a separação em questão é para nos desatarmos das coisas que são provindas dele, como as paixões, cóleras, medos irracionais, as quais são vistas como empecilhos para a jornada do filósofo dentro da filosofia de Platão.

Esse é o exercício de morte platônico, segundo Hadot: “[...] todos os desdobramentos do Fédon que precedem e que se seguem à nossa passagem<sup>38</sup> mostram bem que se trata, para a alma, de se libertar, de se despojar das paixões ligadas aos sentidos corporais para adquirir a independência do pensamento”<sup>39</sup>. Isso quer dizer, portanto, que essa morte é a morte da individualidade, isto é, de suas paixões e desejos ligados ao corpo. É a morte de uma visão de

---

<sup>35</sup> Cf. PLATÃO, *Apologia de Sócrates*.

<sup>36</sup> HADOT, 2014, p. 44-45.

<sup>37</sup> Como tentar enxergar algo longe e, achando que está vendo um lago, na verdade o que se vê é apenas a areia quente sendo refletida pelo sol, por exemplo.

<sup>38</sup> “Apartar o mais possível a alma do corpo, habituá-la a se recolher, a se concentrar sobre si mesma partindo de cada um dos pontos do corpo, a viver tanto quanto pode, nas circunstâncias atuais tanto quanto naquelas que virão, isolada e por si mesma, inteiramente desapegada do corpo, como se estivesse desapegada de seus laços” (PLATÃO, Fédon, 67c *apud* HADOT, 2014).

<sup>39</sup> HADOT, 2014, p. 45.

mundo que ignora a multiplicidade das coisas para uma visão de mundo de acordo com a perspectiva da universalidade.

O exercício de morte também está presente em outras escolas, como na epicurista e na estoica. Para a primeira, tal exercício simbolizava, segundo Hadot (2014), a consciência da finitude da existência, o que pretende gerar um valor para cada instante pelo qual se vive. Já para a segunda é o aprendizado da liberdade que tem como objetivo tal exercício. Essa liberdade está vinculada às tradições da escola, isto é, a liberdade moral: “[...] quem aprendeu a morrer desaprendeu a servir”<sup>40</sup>. Além disso, nela existe também, assim como no exercício platônico, o princípio de habituar a alma e libertar-se das paixões.

Na filosofia platônica esse exercício tem o caráter, segundo Hadot (2014), da consciência da pequenez das coisas terrenas e a grandeza que possui a alma<sup>41</sup>. Isso, como já vimos, tem relação com o processo em direção ao uno e ao imutável, ou seja, à universalidade. Sob essa perspectiva, Hadot diz que o exercício de morte está ligado a uma contemplação da totalidade, ao exercício do pensamento puro.

Essa característica do filósofo recebe aqui, pela primeira vez, um nome que ela manterá em toda a tradição antiga: grandeza de alma. A grandeza de alma é o fruto da universalidade do pensamento. Todo o trabalho especulativo e contemplativo do filósofo torna-se assim exercício espiritual na medida em que, elevando o pensamento até a perspectiva do Todo, ele o liberta das ilusões da individualidade.<sup>42</sup>

Dessa forma, a física (*physis*) – isto é, a contemplação da natureza – acaba sendo um exercício espiritual, conforme diz Hadot (2014), e que possui três níveis. O primeiro se refere à atividade contemplativa da natureza possuir um fim nela mesma, a qual fornece à alma a alegria e a serenidade<sup>43</sup>. Isso se relaciona com o estoicismo, pois, para os estoicos, viver em harmonia com a natureza é algo essencial para se atingir a liberdade e compreensão do que está ou não no fluxo natural das coisas. Já o segundo, em alguns versos de Sêneca pode se ver traços dessa contemplação como algo que salva o indivíduo dos desejos mais terrenos, como as riquezas, após ter alcançado um nível mais alto de sua contemplação: “[...] é então esse ponto que tantos povos dividem entre si pelo ferro e pelo fogo? Quão risíveis as fronteiras que os homens estabelecem entre eles!”<sup>44</sup>. O terceiro nível possui relação novamente com o

---

<sup>40</sup> MONTAIGNE, *Essais*, A. Thibaudet (ed.), Paris, 1953, p. 110 *apud* HADOT, 2014.

<sup>41</sup> Cf. PLATÃO, *República*, 486a *apud* HADOT, 2014.

<sup>42</sup> HADOT, 2014, p. 49.

<sup>43</sup> *Idem*.

<sup>44</sup> SÊNECA, *Quaest. Natur.*, I, praef. 7-13 *apud* HADOT, 2014.

platonismo, o qual resgata a ideia de a individualidade morrer para alcançar a interioridade da consciência.

Hadot (2014) diz que esse progresso do exercício espiritual corresponde aos níveis de virtude. Dessa forma, ele comenta que os exercícios espirituais de Plotino têm como característica uma espécie de esculpir a alma: tirar, pouco a pouco, tudo o que não faz parte dela, para cada vez mais, ao passo de cada exercício, ir purificando-a e afastando-a daquilo que não é de sua natureza.

Da mesma maneira, tu, também, retiras tudo que é supérfluo, corrige tudo que é oblíquo, purificando tudo que é tenebroso para tornar brilhante, e não cesses de esculpir tua própria estátua até que brilhe em ti a claridade divina da virtude.<sup>45</sup>

Sob esse ponto, Hadot (2014) defende que o próprio ato de adquirir conhecimento é exercício espiritual. Essa é uma característica importante do platonismo. Afastar a alma das multiplicidades, ir em direção ao Uno e imutável, esculpir a alma para tirar dela aquilo que não é de sua natureza.

A diversidade de exercícios espirituais das escolas filosóficas da época helenística-romana é grande, como vimos. Apesar de variadas, as técnicas convergiam para um mesmo ponto: a transformação de si e de seu ponto de vista em relação ao mundo. Hadot resume algumas características de cada escola:

[...] a tonalidade afetiva e o conteúdo nocional desses exercícios eram muito diferentes segundo as escolas: mobilização da energia e consentimento ao destino nos estoicos, descontração e desapego nos epicuristas, concentração mental e renúncia ao sensível nos platônicos.<sup>46</sup>

## 2.4 O exercício de aprender a ler

Pode-se ver, então, que a filosofia antiga era um modo de vida que se baseava em determinados exercícios espirituais voltados ao aperfeiçoamento e a realização de si. Além disso, Hadot (2014) defende que todas as escolas compartilhavam da ideia de que antes de se adotar a vida filosófica, cada ser vivia em um estado de infelicidade. Esse estado era causado pelas paixões e pelos desejos, o que impediam o indivíduo de viver de forma autêntica, isto é, de agir e de pensar sem as imposições externas julgando o que é o certo e o errado, por exemplo.

O homem é infeliz porque é escravo das paixões, isto é, porque deseja coisas que podem lhe escapar, porque elas lhe são exteriores, estranhas, supérfluas. A felicidade

---

<sup>45</sup> PLOTINO, *En.*, I, 6, 9, 7 *apud* HADOT, 2014, p.49.

<sup>46</sup> HADOT, 2014, p. 55.

então consiste na independência, na liberdade, na autonomia, isto é, no retorno ao essencial, ao que é verdadeiramente “nós mesmos” e ao que depende de nós.<sup>47</sup>

A libertação disso se resumia em deixar de lado todas as formas de imposições do meio em que se vivia, como era o caso das honrarias, riquezas e preconceitos, por exemplo. Cada escola, cada uma à sua maneira, visava uma purificação da alma e uma despreocupação com coisas que não eram parte de um Todo, de uma universalidade.

Os exercícios espirituais são precisamente destinados a essa formação de si, a essa *paideia*, que nos ensinará a viver não em conformidade com os preconceitos humanos e com as convenções sociais (pois a vida social é ela própria um produto das paixões), mas em conformidade com a natureza do homem que não é outra senão a razão. Todas as escolas, cada uma a seu modo, creem então na liberdade da vontade, graças à qual o homem tem a possibilidade de modificar a si mesmo, de se aperfeiçoar, de se realizar.<sup>48</sup>

Essa libertação pode ser vista, como diz Hadot (2014), sob a expressão plotiniana que diz respeito à finalidade dos exercícios espirituais: “esculpir sua própria estátua”. É importante reforçar que esses exercícios eram análogos aos exercícios por algumas razões, como diz o autor. Em primeiro lugar, porque é preciso uma repetição das atividades para conseguir um resultado mínimo esperado e, com isso, criar-se o hábito. Em segundo lugar, porque era precisamente nos ginásios que se praticavam tanto os exercícios físicos quanto as práticas de exercícios espirituais – “[...] a analogia podia parecer tanto mais evidente porque é no *gymnasion*, isto é, no local em que se praticam os exercícios físicos, que também se dão as lições de filosofia, isto é, que se praticava o treinamento na ginástica espiritual”<sup>49</sup>.

É por meio dos exercícios espirituais que o filósofo ruma em direção ao seu objeto de desejo maior: a sabedoria. Há, porém, a questão desse estado ser inacessível para o ser humano, pois, para Platão, para Aristóteles e para os epicuristas, como diz Hadot (2014), significa uma perfeição divina. O único estado acessível ao homem, portanto, diante dessa perspectiva, é o amor pela sabedoria, ou seja, o progresso em direção à sabedoria<sup>50</sup>. A vida filosófica, segundo o autor, é um estado intermediário entre ser sábio e ser não sábio. É por isso que os exercícios espirituais devem ser sempre retomados para um esforço renovado. Podemos ver que esses exercícios levam o praticante a um desenraizamento da vida cotidiana, já que é ela o fruto dos preconceitos e de imposições que fomentam as paixões e os desejos desenfreios do cidadão.

---

<sup>47</sup> Idem, p. 57.

<sup>48</sup> Ibidem, p. 56.

<sup>49</sup> Ibidem, p. 56.

<sup>50</sup> Ibidem, p. 58.

Há aí uma inversão total de valores, o que pode ser visto claramente no diálogo *Apologia de Sócrates*, que vai da zombaria pelos não filósofos até o ápice: a morte de Sócrates.

De fato, porém, de uma maneira mais moderada, cada escola filosófica engajava seus discípulos num novo estado de vida. A prática dos exercícios espirituais implicava uma inversão total dos valores recebidos; renunciava-se aos falsos valores, às riquezas, às honras, aos prazeres para se voltar para os verdadeiros valores, a virtude, a contemplação, a simplicidade de vida, a simples felicidade de existir.<sup>51</sup>

Sob essa perspectiva, podemos observar que a atividade filosófica não era um exercício tido como bem-visto, já que havia, nos discípulos das escolas, o princípio de se “desamarrar” desses valores recebidos. Pelo fato da filosofia ser feita em meio a sociedade em questão, devemos levar em consideração também que, mesmo que se atinja um alto grau de sabedoria, isso só poderia ser feito de forma momentânea, pois a vida cotidiana desse indivíduo o puxa de volta para sua realidade. É sobre isso que Hadot diz que era impossível se manter em tal estado envolvido nesses meios e, por conta disso, a conversão deveria ser buscada sem cessar<sup>52</sup>.

A filosofia antiga, portanto, é exercício espiritual. Disso já falamos bem. Não podemos negar, entretanto, o desenvolvimento de teorias filosóficas dessa época, ou seja, além de os mestres e os discípulos dessas escolas se preocuparem na sua forma de agir no mundo, eles não deixaram de produzir materiais escritos com suas filosofias. Segundo Hadot (2014), essas teorias eram para dois possíveis fins: o de estar a serviço da prática espiritual, como no estoicismo e no epicurismo, ou para serem tomadas como objetos de exercícios espirituais, como a prática contemplativa, por exemplo. Apesar desses escritos deixados na época helenística e romana, Hadot defende que não podemos compreendê-los deixando de lado essa perspectiva de todo o verdadeiro significado por de trás dessas teorias, ou seja, que eram ferramentas de exercícios espirituais ou que os escritos mesmos eram exercícios espirituais.

Quer sejam elas diálogos, como os de Platão, notas de curso, como as de Aristóteles, tratados, como os de Plotino, comentários, como os de Proclo, as obras dos filósofos não podem ser interpretadas sem levar em conta a situação concreta na qual nasceram: elas emanam de uma escola filosófica, no sentido mais concreto da palavra, na qual um mestre forma discípulos e se esforça para conduzi-los à transformação e à realização de si.<sup>53</sup>

O erro, dessa forma, é interpretar as obras querendo achar determinados tratados sistemáticos, os quais exporiam de forma completa toda a filosofia desenvolvida pelo autor. Hadot (2014) diz que os historiadores modernos ainda ficam espantados de acharem

---

<sup>51</sup> Ibidem, p. 58.

<sup>52</sup> Ibidem, p. 59.

<sup>53</sup> Ibidem, p. 60.

contradições e incoerências nesses escritos. Ele defende, ademais, que toda obra filosófica é, de forma implícita, um diálogo, pois há uma dimensão eventual do leitor como interlocutor<sup>54</sup>.

Nessas obras filosóficas, com efeito, o pensamento não pode se exprimir segundo a pura e a absoluta necessidade de uma ordem sistemática, mas deve levar em conta o nível do interlocutor, o tempo do *logos* concreto no qual ele se exprime.<sup>55</sup>

A respeito disso, Hadot (2014) diz que, apesar do *logos* ser um “sistema”, o conjunto deles não o torna um sistema fechado. Tal é o exemplo dos diálogos de Platão e, além disso, as lições de Aristóteles, pois são lições, conforme diz Hadot. Para o estagirita, seus escritos eram precisamente notas de curso. Não podemos tentar tirar daí um tratado sistemático ou ficar até mesmo espantados em encontrar contradições entre uma nota e outra. Sobre suas notas, Hadot diz que “Aristóteles não pensa de modo algum em propor um sistema completo da realidade, ele quer formar seus alunos para utilizar métodos corretos em lógica, na ciência da natureza, na moral”<sup>56</sup>.

É necessário salientar um ponto importante a respeito dessa forma dos historiadores contemporâneos analisarem as obras filosóficas antigas deixando de lado todo o método de formação de uma nova maneira de viver. Hadot (2014) defende que a mudança da filosofia começou na Idade Média, com a absorção da *philosophia* pelo cristianismo. Além disso, Duhot<sup>57</sup> aponta que essa busca pela verdade por meio dos exercícios espirituais se encontra na experiência do indivíduo. Não há, com isso, a possibilidade de explicá-la por meio da linguagem, pois ela é limitada e não conseguiria descrever esse processo pelo qual o indivíduo experiencia o processo de transformação de visão de mundo e modo de agir e pensar.

Os historiadores da filosofia contemporâneos não apresentam tendência, em geral, a prestar atenção a esse aspecto, embora essencial. Isso porque consideram a filosofia, em conformidade com uma concepção herdada da Idade Média e dos tempos modernos, como uma trajetória puramente teórica e abstrata.<sup>58</sup>

Conforme diz Hadot (2014), o cristianismo, no século II d.C., se apresentava como uma forma de exercício espiritual. Isso, segundo o autor, pode ser visto em Clemente de Alexandria e em Agostinho, por exemplo. Foi, entretanto, com a escolástica que ocorreu uma distinção entre *theologia* e *philosophia*. A primeira passa a ser posta como ciência suprema, fazendo com que a segunda sirva apenas de fornecedora de material conceitual à primeira e deixe de ter seu

---

<sup>54</sup> Ibidem, p. 60.

<sup>55</sup> Ibidem, p. 60.

<sup>56</sup> Ibidem, p. 61.

<sup>57</sup> Cf. Nota 1 DUHOT, 2004, p. 102.

<sup>58</sup> Idem, p. 64.

aspecto principal, os exercícios espirituais, o que Hadot chama de “serva da teologia”<sup>59</sup>. Na época moderna Hadot diz que a filosofia reconquista sua autonomia, porém não perde suas características herdadas do período medieval. Pelo contrário, o caráter puramente teórico acaba se desenvolvendo, criando sistemas mais avançados. Já com Nietzsche, Bergson e o existencialismo, Hadot diz que a filosofia volta a ser uma maneira de viver. Continua o autor:

Mas os historiadores contemporâneos do pensamento antigo, por sua vez, em geral permanecem prisioneiros da antiga concepção, puramente teórica, da filosofia e as tendências estruturalistas atuais não os dispõem a corrigir essa representação: o exercício espiritual introduz um aspecto circunstancial e subjetivo que se enquadra mal em seus modelos de explicação.<sup>60</sup>

Assim como em Hadot, aqui também há a pretensão de questionar as possibilidades de se praticar os exercícios espirituais na atualidade. Com isso não significa copiar os modos pelos quais Sócrates, por exemplo, praticava seus exercícios em praça pública, mas o de adotar um estilo de vida voltado ao aprimoramento de si – “Sócrates e Platão não convidavam seus discípulos a encontrar por si mesmos as soluções de que tinham necessidade? Não se pode ignorar, porém, essa experiência milenar”<sup>61</sup>. A importância das leituras aqui destacada sugere uma visão equivocada das obras antigas, de acordo com Hadot (2014), ignorando o fato de que eram métodos pelos quais se praticavam exercícios espirituais.

Passamos nossa vida a “ler”, isto é, a fazer exegeses e até exegeses de exegeses [...], nós passamos nossa vida a “ler”, mas não sabemos mais ler, isto é, parar, libertarmos de nossas preocupações, voltar a nós mesmos, deixar de lado nossas buscas por sutilezas e originalidade, meditar calmamente, ruminar, deixar que os textos falem a nós. É um exercício espiritual, um dos mais difíceis: “As pessoas”, diz, Goethe<sup>62</sup>, “não sabem quanto custa em tempo e esforço aprender a ler. Precisei de oitenta anos para tanto e sequer sou capaz de dizer se tive sucesso”.<sup>63</sup>

O exercício da leitura, portanto, é essencial nos dias atuais para ser uma forma de exercício espiritual. Estar disposto a mudar de pensamento ao dialogar é uma forma de fazer com que o diálogo consigo mesmo seja aprimorado. Da mesma forma que a figura de Sócrates conduzia seu interlocutor por um caminho tortuoso para se chegar ao ponto de mostrar que ele acreditava em coisas que na verdade não sabia, o leitor deve se pôr também como um interlocutor e estar ali no exercício do diálogo.

---

<sup>59</sup> Ibidem, p. 65.

<sup>60</sup> Ibidem, p. 65.

<sup>61</sup> Ibidem, p. 65.

<sup>62</sup> GOETHE, *Entretiens avec Eckermann*, 25 de janeiro de 1830 *apud* HADOT, 2014.

<sup>63</sup> HADOT, 2014, p. 66.

### 3. SÓCRATES E A SUA IMPORTÂNCIA

Quando se fala sobre a filosofia ser um modo de vida, não podemos deixar de elucidar alguns pontos muito importantes a respeito de Sócrates e a sua influência. Como já foi dito anteriormente, aqui não se pretende entrar nas discussões dos inúmeros problemas e imprecisões históricas ao falar do Sócrates histórico, mas relatar certas características da figura de Sócrates baseando-se principalmente no diálogo *O Banquete*, de Platão. Trataremos aqui, segundo a posição de Hadot (2014), primeiramente, do aspecto físico de Sócrates e de sua ironia, posteriormente será tratado a respeito do mito de Sócrates-Eros e, por fim, da ascensão da alma e dos limites da linguagem, baseando-se em Duhot (2004).

#### 3.1 A ironia

Hadot (2014) diz que Sócrates nos é apresentado como um mediador entre a norma ideal, na qual existe a unicidade e é isenta das paixões e desejos, e a realidade sensível, na qual reinam a multiplicidade e as paixões. Dessa forma, espera-se que a sua imagem seja a de um semideus no que tange a beleza, possuindo traços divinos e humanos. Ao contrário disso, Sócrates nos é relatado como uma figura de aparência física feia e aparenta sempre ser confuso, ambíguo e inquietante<sup>64</sup>. Tal é o exagero de sua aparência, que no *Banquete* Sócrates é tido como um sileno<sup>65</sup>, imagem da negação da cultura e da civilização, conforme defende Hadot. Além disso, o autor destaca que, além dessa feiura física, ele também é dissimulado<sup>66</sup>. Essa construção pela qual Platão faz da imagem de Sócrates parece não ser por acaso. Está aí empregada uma forte característica dessa personagem de seus diálogos: a ironia.

No famoso elogio de Sócrates no final do *Banquete*<sup>67</sup>, Alcibiades compara Sócrates aos silenos que, nas lojas dos escultores, servem de cofres para guardar pequenas estatuetas de deuses. Assim, o aspecto exterior de Sócrates, a aparência quase monstruosa, feia, bufona, impudente, é apenas uma fachada e uma máscara.<sup>68</sup>

Dessa forma, a ironia socrática não existe apenas em seus discursos, os quais nos são chegados por meio dos diálogos de Platão, mas também pela construção de sua aparência nos

---

<sup>64</sup> Idem.

<sup>65</sup> “Silenos e sátiros eram na representação popular demônios híbridos, metade animais, metade humanos, que formavam o cortejo de Dionísio.” Idem, p. 93.

<sup>66</sup> Cf. NIETZSCHE, F. *Götzen-Dämmerung, Das Problem des Sokrates*, op. Cit., § 4 *apud* HADOT, 2014.

<sup>67</sup> PLATÃO, *O Banquete*, 215b *apud* HADOT, 2014.

<sup>68</sup> HADOT, 2014, p. 94.

mesmos. O ato de sempre afirmar que nada sabe e se fazer de ingênuo são uma máscara que encobre o verdadeiro ser de Sócrates<sup>69</sup>. Sobre isso, Hadot (2014) diz que essa máscara foi de extremo “sucesso”, pois até da história ele se mascarou por não ter escrito nada. Além disso, os próprios testemunhos a respeito “[...] o ocultam mais do que o revelam a nós, precisamente porque Sócrates sempre serviu de máscara àqueles que falaram dele”<sup>70</sup>.

A morte de Sócrates deixou, conforme aponta Hadot (2014), uma inspiração de um gênero literário, o qual imitava suas discussões com seus concidadãos: os *logoi sokratikoi*. Nos diálogos socráticos que Platão escreveu, há uma provocação para o leitor da mesma forma que os discursos de Sócrates. Dessa maneira, e reforçando o que foi dito mais acima, o leitor é posto na posição do interlocutor de Sócrates e também é conduzido por ele.

Assim, a ironia de Sócrates tem como objetivo se pôr no lugar de seu interlocutor, mostrando a ele suas próprias perturbações, dúvidas, angústias. Essa é uma forma, segundo Hadot, de fazer o interlocutor sentir seu erro, “[...] não o refutando diretamente, mas o expondo a ele de tal modo que sua absurdidade lhe apareça claramente”<sup>71</sup>.

Essa máscara socrática é a máscara da ironia. Se examinarmos os textos de Platão, de Aristóteles ou de Teofrasto nos quais aparece a palavra *eironeia*, podemos deduzir deles que a ironia é uma atitude psicológica na qual o indivíduo busca parecer inferior ao que ele é: ele se autodeprecia. No uso e na arte do discurso, essa posição se manifesta por uma tendência a fingir dar razão ao interlocutor, a fingir adotar o ponto de vista do adversário.<sup>72</sup>

Podemos observar de forma mais clara agora, talvez, a frase que Sócrates sempre repetia: “só sei que nada sei”. Sócrates sempre afirma que não tem nada a ensinar e nada a dizer, o que o torna um eterno questionador. Sendo assim, veste sua máscara da ironia para sempre fazer com que seus interlocutores passem a enxergar mais para dentro de si mesmos e se aprimorem enquanto homens.

Hadot (2014) pontua uma questão importante a respeito dos diálogos de Platão, que, mesmo sendo os considerados mais “socráticos”, serão sempre uma cópia enfraquecida dos diálogos reais. Isso se dá pelo fato de serem escritos, e não falados, e também, como aponta Hegel, os diálogos escritos estão sempre sobre o poder do escritor<sup>73</sup>. De qualquer forma, assim como Hadot defende, não devemos nos preocupar em separar o que pode ser propriamente

---

<sup>69</sup> Idem.

<sup>70</sup> Ibidem, p. 95.

<sup>71</sup> Ibidem, p. 97.

<sup>72</sup> Ibidem, p. 99.

<sup>73</sup> Cf. HEGEL, G.W.F, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, Bd. II, 65 apud HADOT, 2014.

socráticos nas obras de Platão, mas “[...] extrair o significado da ironia socrática tal como a tradição a conheceu, os movimentos da consciência aos quais ela corresponde”.<sup>74</sup> Ora, se tratando de um olhar para a filosofia antiga sob a luz de que ela era baseada em exercícios espirituais, não nos caberia aqui fazer tal separação. O que nos interessa, apesar dessas imprecisões, é observar os diferentes tipos de exercícios praticados naquela época em busca de uma transformação do indivíduo. Sendo assim, a figura de Sócrates, baseada na imagem que Platão nos traz, é de extrema importância, mesmo que dela não possamos saber se era de fato Platão ou o próprio Sócrates fidelizado em suas páginas.

Sendo assim, o que podemos ver por meio dos *logoi sokratikoi* é que Sócrates “dividia” seu interlocutor em dois, conforme diz Hadot (2014), e ele também se desdobra. Por um lado, há um Sócrates que sabe o final dessa disputa, e por outro há um Sócrates que percorrerá o caminho com seu adversário. Aqui podemos ver novamente a ironia:

Sócrates, percorrendo o caminho com seu interlocutor, exige incessantemente um acordo total de seu parceiro. Tomando como ponto de partida a posição desse parceiro, ele o faz admitir pouco a pouco todas as consequências dessa posição. Exigindo a cada instante esse acordo, que é fundado sobre as exigências racionais do Discurso sensato, do *Logos*, ele objetiva a trajetória em comum e conduz o interlocutor a reconhecer que sua posição inicial era contraditória.<sup>75</sup>

Pegando como tema da discussão assuntos que são familiares aos seus interlocutores, como falar sobre o saber prático do general, como a coragem, por exemplo, Sócrates leva seus interlocutores, ao final, a perceberem que não sabiam, na verdade, o que era a coragem<sup>76</sup>. Dessa forma, o interlocutor constata que não sabe mais por que agia de tal forma e percebe, ademais, que existiam alguns fatores externos, como os valores impostos, que comandavam seu modo de agir e de pensar. Agora, tendo percepção disso, o interlocutor se opõe a esses valores. Há, pois, os dois interlocutores: aquele que era antes da discussão e aquele que agora tem consciência de seu real estado, que não é mais igual ao anterior, ou seja, aquele pelo qual Sócrates fez despertar a consciência do eu de seu interlocutor.

A autodepreciação falada anteriormente reside no fato de Sócrates fingir querer aprender algo com seu oponente do diálogo. Sabendo do fim que tomará a discussão, ao invés de Sócrates entrar no discurso de seu interlocutor, é seu interlocutor que entra no discurso de Sócrates. Assim, o mais importante, como fala Hadot (2014), não é o fim pelo qual o diálogo chegar – isto é, na conclusão sobre determinado tema –, mas o caminho que ambos seguem juntos para

---

<sup>74</sup> HADOT, 2014, p. 101.

<sup>75</sup> Idem, p. 102.

<sup>76</sup> Ibidem.

o despertar da consciência - “O indivíduo é assim posto em questão nos próprios fundamentos de sua ação; ele toma consciência do problema vivo que ele mesmo é para si”.<sup>77</sup>

### 3.2 Sócrates-Eros

Não podemos deixar de trazer aqui, mesmo que de forma superficial, o mito, conforme diz Hadot (2014), de Sócrates-Eros criado por Platão em seu diálogo *O Banquete* a fim de acrescentar mais um aspecto da ironia socrática e estabelecer uma relação de Sócrates como um intermediário do divino. Nesse diálogo é retratada a cena de uma reunião com Fedro, Pausânias, o médico Erixímaco, o poeta cômico Aristófanes, o poeta trágico Agatão e Sócrates, os quais, cada um a sua maneira, devem fazer um elogio de Eros. Quando chega a vez de Sócrates, ele relata a conversa que teve com Diotima, sacerdotisa de Mantinea, a qual lhe contou o mito do nascimento de Eros<sup>78</sup>.

No dia do nascimento de Afrodite, conta Diotima, houve um banquete na morada dos deuses. No final da refeição, Penia, isto é, “Pobreza”, “Privação”, veio para mendigar. Ela então viu Poros, isto é, “Meio”, “Expediente”, “Riqueza”, embriagado de néctar e adormecido no jardim de Zeus. Para remediar sua miséria, Penia decidiu ter um filho de Poros. Ela se deitou perto de Poros adormecido e concebeu assim o Amor.<sup>79</sup>

Ao final do relato, surge Alcibiades. Ele, ao invés de fazer o elogio a Eros, como todos ali presente, acaba fazendo um elogio ao próprio Sócrates. Para Hadot (2014), a relação entre Sócrates e Eros não é marcada simplesmente pelo fato do elogio de Alcibiades tomar lugar na sequência dos elogios, mas “[...] pelo fato de que os traços comuns ao retrato de Eros traçado por Diotima e ao retrato de Sócrates traçado por Alcibiades são numerosos e significativos”.<sup>80</sup>

Aqui se encontra a ironia amorosa de Sócrates. Primeiramente, como retrata Hadot (2014), na Grécia no tempo de Sócrates, o amor masculino era uma relação estritamente vinculada entre o mestre, mais velho, e o discípulo, mais novo. Não muito diferente daquela ironia dos discursos, nessa Sócrates finge desejar seu discípulo até que este fique enamorado por ele. O amor, segundo as definições do diálogo, é o desejo por aquilo que não se possui. Sendo assim, Sócrates, privado da beleza física, finge desejar a beleza corporal do mais jovem.

---

<sup>77</sup> Ibidem, p. 104.

<sup>78</sup> Ibidem.

<sup>79</sup> Ibidem, p. 112.

<sup>80</sup> Ibidem, p. 111.

Esse, por sua vez, descobre que não possui as capacidades de satisfazer o amor de Sócrates, pois ele não possui a verdadeira beleza<sup>81</sup>.

Descobrimo então o que lhe falta, ele se enamora de Sócrates, isto é, não pela beleza física, pois Sócrates não a tem, mas pelo amor que é, segundo a definição por Sócrates no *Banquete*, o desejo da Beleza da qual se está privado. Assim, estar enamorado de Sócrates é estar enamorado do amor.<sup>82</sup>

A imagem de Eros, conforme o mito descrito por Diotima, possui tanto traços de seu pai, *Poros*, quanto os de sua mãe, *Penia*. Por um lado, conforme Hadot (2014), ele tem seu caráter astuto, sua euforia, e de outro possui seu caráter de mendicância, sua aporia. Esses dois caracteres aliados formam uma privação da beleza, pois é filho de *Penia*, mas, ao mesmo tempo, um saber para remediar essa privação, pois é filho de *Poros*, “[...] contudo, para Sócrates, o Amor é amante. Não é, então, um deus, como pensa a maioria das pessoas, mas somente um *daimon*, um ser intermediário entre o divino e o humano”<sup>83</sup>.

Com relação a esse aspecto de Eros, o de caçador, conforme diz Hadot (2014), Platão faz uma relação com a figura de Sócrates enquanto filósofo. Conforme diz Diotima a respeito do mito de Eros, ele é sempre pobre e rude. A figura de Sócrates possui suas semelhanças: é sempre sujo e grosseiro<sup>84</sup>. Além disso, ele é tido como objeto de ridicularização por conta dos seus pés descalços e do uso de apenas uma manta para se proteger do frio, o que lembra, conforme Hadot, a figura do cínico Diógenes “errando sem eira nem beira”<sup>85</sup>. Dessa forma, o autor traz de volta a figura do sileno, ou seja, da figura primitiva e contrária à civilização, mas isso tem seu significado:

Não é indiferente que esse componente faça parte do complexo retrato de Sócrates-Eros. Pois ele corresponde bem à inversão de valores que a consciência socrática provoca. Para aquele que cuida de sua alma, o essencial não se situa nas aparências, no costume ou no conforto, mas na liberdade.<sup>86</sup>

O nascimento do amor, sob essa perspectiva, segundo Hadot (2014), se dá pela privação e separação da consciência que sente que não é o que deveria ser. Esse é o *eros* socrático construído por Platão. Tudo aquilo que Alcibiades almeja em Sócrates não são, elas mesmas, o

---

<sup>81</sup> Ibidem.

<sup>82</sup> Ibidem, p. 111.

<sup>83</sup> Ibidem, p. 112.

<sup>84</sup> Ibidem.

<sup>85</sup> Ibidem, p. 113.

<sup>86</sup> Ibidem, p. 113.

que Sócrates tem ou é, mas “[...] são apenas um reflexo, uma amostra da Sabedoria perfeita que Sócrates deseja e que Alcibiades deseja por meio de Sócrates”.<sup>87</sup>

Dessa forma, portanto, se dá a relação Sócrates-Eros. O caminho pelo qual Sócrates percorre com seu interlocutor desenvolve nos dois o amor por esclarecer em conjunto um problema<sup>88</sup>. A filosofia, assim, reside, conforme diz Hadot (2014), mais nesse sentimento do que na criação de um sistema. Além disso, apesar da linguagem possuir sempre seus limites, o diálogo ainda assim, como atividade espiritual, é uma atividade moral e existencial<sup>89</sup>. “Eros também, como Sócrates, o irônico, nada ensina, pois é ignorante: não torna mais sábio, mas torna outro. [...] Ele ajuda as almas a se engendrar a si próprias”<sup>90</sup>.

### 3.3 A ascensão da alma

Apesar do processo espiritual em busca de uma transformação completa do indivíduo ser feita com o outro, a experiência e o desejo de buscá-la é sempre própria do indivíduo, não sendo passível de ser ensinada. Devemos olhar para Sócrates sob esse aspecto. Por mais que Sócrates faça com que seus interlocutores olhem para si mesmos e enxerguem neles a sua própria ignorância, esse ato de fazer enxergar é sempre do próprio indivíduo. A imagem que Platão nos traz dessa elevação da alma mostra claramente esse exercício, qual seja: a do mito da caverna.

No início do Livro VII da *República*, após a investigação sobre a analogia do Sol e a linha dividida, Sócrates convida seus interlocutores a imaginarem uma morada subterrânea<sup>91</sup>. Um local íngreme que, em seu local mais distante da saída, no fundo, existem pessoas acorrentadas e impossibilitadas até de se virarem, podendo olhar só para frente, para o fundo da caverna. Mais acima se encontram outras pessoas, mas essas ficam andando e carregam artefatos com o propósito de, com a fogueira atrás deles e ainda mais acima, fazerem sombras na parede de frente para os prisioneiros. Entre as pessoas que carregam os objetos e os prisioneiros, há um muro que os separam. Assim, só é possível para os prisioneiros verem as sombras dos artefatos. E, por final, mais acima da fogueira, há a saída da caverna.

---

<sup>87</sup> Ibidem, p. 116.

<sup>88</sup> Ibidem.

<sup>89</sup> Ibidem.

<sup>90</sup> Ibidem, p. 116.

<sup>91</sup> PLATÃO, *A República*, 504a.

Platão usa do mito para podermos inferir relações que só podem ser pensadas. O mito da caverna que ele desenvolve serve para elucidar uma prisão, não física, mas psíquica. Representar por meio de imagens é uma forma mais fácil de podermos compreender aquilo que só pode ser pensado<sup>92</sup>, e esse mito é uma sequência de imagens para representar a *psykhé* (alma) humana.

Esse mito se desdobra entre duas realidades: a primeira diz respeito ao que está na realidade cotidiana e ordinária<sup>93</sup>, e a segunda é de um grau superior em relação a primeira. A ascensão da alma está na percepção, em primeira instância, desse nível de realidade. É uma tomada de consciência de seu estado de ignorância e aprisionamento. Tendo a percepção desse estado, o indivíduo necessita agora do desejo de rumar à saída da caverna, isto é, de sair de seu estado de ignorância e tomar consciência da verdadeira realidade.

Esse exercício de fazer voltar o olhar para dentro de si, como foi falado anteriormente, é um processo puramente individual. Conforme diz Duhot (2004), essa subida consiste numa prova para poder fazer ver com os próprios olhos aquilo que não pode ser expresso por palavras, ou seja, que aquela realidade não passa de sombra.

A primeira etapa da ascensão para a verdade consiste em desembaraçar-se de suas falsas concepções. O mesmo esquema se reencontra frequentemente nos diálogos de Platão: afirmando sua ignorância, Sócrates pede a seu interlocutor para definir uma noção geral que parece evidente, mas que rapidamente se parte em estilhaços. [...] dá-se conta de que era só ilusão, de que seu conhecimento não é fundado. Tem pois de buscar um outro, mas dessa vez a palavra não pode conseguir, donde o fracasso final dos diálogos aporéticos, isto é, que ficam sem resposta; mas agora podemos compreender o sentido desse fracasso. É um convite à pesquisa, a um trabalho que agora se sabe que deve ser empreendido.<sup>94</sup>

Aqui se vê mais uma vez o problema de se olhar para a filosofia antiga buscando um sistema completo, conforme já foi dito anteriormente. Sendo a experiência um processo individual e, portanto, inexprimível em palavras, a filosofia, conforme afirma Duhot (2004), não está nos livros. A leitura, como foi exposto por Hadot (2014), pode ser um exercício espiritual, mas sempre limitado pela linguagem.

Para podermos compreender melhor essa forma de ascensão, Duhot (2004) faz uma comparação com os matemáticos. Ele diz que, assim como para Platão, as matemáticas constituem um trabalho espiritual que nos conduz a esse nível superior. Em primeira instância, são traçadas algumas linhas para se compreender, por meio de figuras, o que está em um outro

---

<sup>92</sup> NUNES SOBRINHO, 2007.

<sup>93</sup> DUHOT, 2004.

<sup>94</sup> Idem, p. 102-103.

nível. Numa segunda, passa-se a compreender (ou a ver) seu sentido passando a não depender mais de formas físicas. Assim também acontece com a subida da caverna.

Esse papel das matemáticas na formação socrático-platônica do filósofo traz um elemento essencial. Se a ascensão para as Formas<sup>95</sup> é comparável ao trabalho do matemático, é porque as Formas, embora irredutíveis à análise racional que elas são, não se opõem à racionalidade, mas a fundam.<sup>96</sup>

A transformação da alma, assim, se dá pelo filósofo, o qual, junto com o prisioneiro, rumam em direção à saída, passando de etapa em etapa, até que se possa ver o que é a realidade e o que de fato é a causa de todas as coisas. Como diz Duhot, “[...] uma palavra se transmite. Uma visão só pode ser vista. A palavra socrática deve finalmente levar a ver, não diz o que há para ver, não substitui à visão sua descrição”.<sup>97</sup> Dessa forma, portanto, a transformação da alma não ocorre se o indivíduo não possuir o desejo disso. Não é possível, sob essa perspectiva, forçar alguém a ver, como mudar a direção da alma e voltar-se às coisas que se assemelham a ela. Esse esforço parte exclusivamente do indivíduo. Sócrates teve o papel de acender a chama desse desejo em seus concidadãos para poderem olhar por si próprios para si e se conhecerem verdadeiramente.

---

<sup>95</sup> Não pretendemos aqui entrar na discussão sobre Formas, Realidade Inteligível, o conceito de Ideia para Platão (Cf. DUHOT, 2004, p. 106). Isso talvez retomemos num futuro trabalho.

<sup>96</sup> DUHOT, 2004, p. 108.

<sup>97</sup> DUHOT, 2004, p. 103.

#### 4. A FILOSOFIA COMO MANEIRA DE VIVER

As discussões a respeito da filosofia antiga ser um modo de vida, o qual era adotado por discípulos de determinadas escolas filosóficas, é de uma extensão enorme. Além disso, a filosofia de Hadot, comprometida a mostrar que esses modos de vida eram também baseados em exercícios espirituais, tem uma amplitude incomensurável. Aqui foi exposta apenas uma parte de sua filosofia e muitas vezes menor a respeito da filosofia antiga como maneira de viver. Apesar disso, parece que nos foi suficiente para podermos observar que não podemos olhar para essa época ou para as obras dos filósofos desse tempo sem levar em consideração o contexto no qual os filósofos viviam e, conseqüentemente, que as obras foram escritas. Seria, pois, tomando como base a posição de Hadot (2014) em relação à filosofia antiga, tirar a parte fundamental da Filosofia.

Como vimos, cada escola possuía seus métodos, porém seguiam todas para o mesmo caminho: uma conversão da maneira de ser por meio de um progresso espiritual<sup>98</sup>. É interessante observar a posição de Hadot (2014), a qual mostra que a *philo-sophia*, “amor pela sabedoria”<sup>99</sup>, era um exercício que visava alcançar a sabedoria, mas que era também, no próprio esforço, a própria sabedoria - “[...] porque a sabedoria não faz somente que possamos conhecer, mas faz ‘ser’ diferentemente”<sup>100</sup>. Assim, mesmo que não seja possível permanecer nesse estado de plenitude, o importante, para os antigos, era alcançá-lo em momentos privilegiados e, mais do que isso, viver o esforço contínuo para atingir tal estado.

Uma distinção aqui é necessária e de grande valia para a discussão. Distinção essa, conforme Hadot (2014), oriunda do estoicismo, o qual propunha uma diferenciação entre o discurso filosófico e a própria filosofia. O discurso filosófico, para os estoicos<sup>101</sup>, era dividido em algumas partes: a física, a ética, a lógica. Elas eram utilizadas no momento em que se queriam ensinar sobre filosofia, porque era necessário propor uma teoria da física, da ética, da lógica.

Mas a própria filosofia, isto é, o modo de vida filosófico, não é mais uma teoria dividida em partes, mas um ato único que consiste em *viver* a lógica, a física e a ética. Não se faz mais então a teoria da lógica, isto é, do falar bem e do pensar bem, mas

---

<sup>98</sup> HADOT, 2014.

<sup>99</sup> É importante esclarecer aqui a posição de Duhot a respeito da etimologia das palavras *philosophia*. Segundo ele, “*sophia*” não quer dizer sabedoria (Cf. DUHOT, 2004, p. 131). Porém, para a discussão do presente trabalho não caberá trazer um aprofundamento desse ponto. Isso pode ser um tema para um trabalho futuro.

<sup>100</sup> HADOT, 2014, p. 263.

<sup>101</sup> Cf. Idem, p. 264.

pensa-se e fala-se bem; não se faz mais a teoria do mundo físico, mas contempla-se o cosmos; não se faz mais a teoria da ação moral, mas age-se de uma maneira reta e justa.<sup>102</sup>

Sob esse aspecto, o discurso sobre a filosofia não é considerado como filosofia, como um exercício que almeja a sabedoria. Mesmo que um indivíduo tenha o maior conhecimento a respeito da música, seja das teorias e da história da música, ele não será músico se não souber tocar pelo menos um instrumento. Da mesma forma é para a filosofia. Não basta desenvolver um sistema elaborado a respeito da física, da moral ou da lógica, e não viver de acordo com suas palavras. Sócrates foi o exemplo de concordância entre seus discursos e seus atos. Uma frase de Diógenes Laércio trazida por Hadot (2014) resume bem essa questão: “[...] muitos filósofos são admirados por seus silogismos, mas se contradizem em suas vidas”.<sup>103</sup>

O carpinteiro não vem vos dizer: “Escutai-me argumentar sobre a arte dos carpinteiros”, mas faz seu contrato para uma casa e a constrói [...]. Faze o mesmo tu também. Tome como um homem, bebe como um homem [...], casa-te, tem filhos, participa da vida da cidade, sabe aguentar as injúrias, suporta os outros homens...<sup>104</sup>

É de extrema necessidade que seja feita a ligação entre a teoria e a prática. Ora, se a filosofia consiste em habituar a alma em vista de alcançar um estado de felicidade e de contemplação, é justamente pela prática dos discursos que se fará. Hadot (2014) defende que as teorias filosóficas devem estar a serviço da vida filosófica. Elas não têm a pretensão de explicar um sistema determinado da realidade, mas o de “[...] fornecer ao espírito um pequeno grupo de princípios fortemente ligados em conjunto, que adquirem com essa sistematização uma maior força persuasiva, uma melhor eficácia mnemotécnica”.<sup>105</sup> Há, então, uma grande diferença entre os discursos filosóficos e o filosofar como ação viva, como diz Hadot (2014). Da mesma forma, há grande diferença entre o músico discursar sobre grandes teorias da música e tocar de fato um instrumento.

Ora, na filosofia, não se trata somente de criar uma obra de arte, mas de se transformar a si mesmo. Viver realmente como filósofo corresponde a uma ordem de realidade totalmente diferente do discurso filosófico.<sup>106</sup>

Devemos, pois, voltar a questão dessa mudança de visão a respeito da filosofia. Os historiadores da filosofia, segundo Hadot (2014), dão uma mínima atenção ao fato da filosofia antiga ser uma maneira de viver e acabam considerando-a apenas como um discurso teórico.

---

<sup>102</sup> Ibidem, p. 264.

<sup>103</sup> LAÉRCIO, Diógenes, IV, 18 *apud* HADOT, 2014, p. 265.

<sup>104</sup> EPITETO, III, 21, 4-6 *apud* HADOT, 2014.

<sup>105</sup> HADOT, 2014, p. 265.

<sup>106</sup> Idem, p. 265.

Dessa forma, cria-se um preconceito que o autor defende estar ligado à filosofia na idade média e nos tempos modernos. Nessa época, no século II d.C., segundo Hadot, o cristianismo teve grande influência nessa mudança da filosofia, pois primeiramente ela se apresentava como uma filosofia, o que reitera, conforme Hadot (2014), no fato de que a filosofia na antiguidade era um modo de vida – “[...] se filosofar é viver em conformidade com a lei da Razão, o cristão é um filósofo porque vive em conformidade com a lei do Logos, da Razão divina”<sup>107</sup>. Já falamos anteriormente de a filosofia ficar a serviço da teologia nos primeiros séculos, mas aqui Hadot faz uma comparação dos aspectos pegos da filosofia pelo cristianismo:

Para se apresentar como filosofia, o cristianismo teve, aliás, de incorporar elementos tomados da filosofia antiga, fazer coincidir o Logos do Evangelho de João com a Razão cósmica estoica, depois com o Intelecto aristotélico e platônico. Teve também de incorporar os exercícios espirituais filosóficos à vida cristã.<sup>108</sup>

O marco decisivo dessa perda de caráter da filosofia para passar ao cristianismo acontece nas universidades, diz Hadot (2014). A filosofia agora passa a ser uma atividade puramente teórica e abstrata, a qual serve apenas para fornecer o material metafísico à teologia. Ela não é mais uma maneira de viver, muito menos é baseada na prática de exercícios espirituais. Essas características passam exclusivamente para o cristianismo, mais precisamente incorporados nos *Exercícios Espirituais* de Santo Inácio<sup>109</sup>. O problema está justamente aqui: a filosofia, após ter perdido tais características, passa a ser objeto de ensino nas universidades, as quais foram criação da Igreja da Idade Média, defende o autor. Nelas, há apenas a pretensão de professores formarem professores e de especialistas formarem outros especialistas, para que formem outros especialistas etc.; não há mais o objetivo de homens que formam homens<sup>110</sup>, ou seja, de mestres que formam seus discípulos a fim de buscar uma transformação de si e uma autonomia - “É o perigo da ‘escolástica’ que havia começado a se desenhar no final da Antiguidade, que se desenvolve na Idade Média e cuja presença pode-se ainda reconhecer na filosofia de hoje”<sup>111</sup>.

Apesar da universidade escolástica estar sob domínio da teologia, Hadot (2014) diz que mesmo assim uma filosofia criativa estava acontecendo fora desse ambiente com Descartes, Espinosa, Malebranche, Leibniz. Assim, a filosofia retoma sua autonomia perante a teologia,

---

<sup>107</sup> (JUSTINO, *Apol.*, I, 46, 1-4 *apud* HADOT, 2014)

<sup>108</sup> HADOT, 2014, 267-268.

<sup>109</sup> *Idem*.

<sup>110</sup> Cf. *Ibidem*, p. 268.

<sup>111</sup> *Ibidem*, p. 269.

mas é algo que acaba sendo feito sobre as mesmas bases que ela, pois, nas palavras de Hadot: “[...] opor-se-á ao discurso filosófico teórico um outro discurso teórico”<sup>112</sup>. Apesar dessa posição, parece que Hadot não quer dizer que todos os aspectos da filosofia antiga se extinguíram. Podemos ver, como diz o autor, nas próprias *Meditações*, de Descartes, pois elas são precisamente meditações<sup>113</sup>.

A filosofia, reduzida, como vimos, ao discurso filosófico, desenvolve-se definitivamente em outro ambiente, em outra atmosfera que a da filosofia antiga. Na filosofia universitária moderna, a filosofia não é mais, evidentemente, uma maneira de viver, um gênero de vida, a menos que seja o gênero de vida do professor de Filosofia. Ela tem como elemento constituinte, como lugar vital, a instituição escola do Estado, o que, aliás, sempre foi e pode permanecer uma ameaça para a independência da filosofia.<sup>114</sup>

Uma diferença deve ser destacada aqui. Na filosofia antiga, para ser considerado filósofo, não era necessário escrever nada, mas sim seguir certas condutas de vida que tentavam buscar, dia a dia, um desenvolvimento de sua visão de mundo e de todo o ser. Além disso, não só Sócrates era considerado filósofo por suas condutas, mas também aqueles que o seguiam como discípulos. Há, como diz Hadot (2014), Catão de Útica, o qual é “[...] considerado filósofo e até sábio, ainda que nada tenha escrito, nem nada ensinado, porque sua vida foi perfeitamente estoica”<sup>115</sup>. Ele não é considerado filósofo por simplesmente viver conforme o estoicismo. A “vida perfeitamente estoica” significa que ele falava como os estoicos e via o mundo de acordo com a Razão cósmica<sup>116</sup>.

Em contrapartida, a filosofia contemporânea não necessita desses esforços. Necessita, claro, de outros esforços, mas que passam longe de ser uma busca por uma transformação de todo o indivíduo, como na antiguidade. Agora, ser considerado filósofo, para alguns, basta possuir um certificado de uma universidade após ter redigido sua monografia, o que te torna um bacharelado em Filosofia, e, após isso, seguir sua carreira na universidade e subir de graus conquistando novos títulos, como mestre, doutor.

Não é só uma questão de moral, todo o ser está envolvido. A filosofia antiga propõe ao homem uma arte de viver; a filosofia moderna, ao contrário, apresenta -se antes de tudo como a construção de uma linguagem técnica reservada a especialistas.<sup>117</sup>

---

<sup>112</sup> Ibidem, p. 269.

<sup>113</sup> Cf. Ibidem, p.270 “*meditatio* no sentido de exercício”.

<sup>114</sup> HADOT, 2014, p. 269.

<sup>115</sup> Idem, p. 271.

<sup>116</sup> Ibidem.

<sup>117</sup> Ibidem, p. 271.

Uma questão sobre isso é de grande valia aqui. Além da filosofia ter perdido seu caráter essencial de prática de exercícios espirituais, talvez ela tenha perdido uma outra característica de extrema importância. Hadot (2014) defende que a filosofia na universidade se resumiu numa linguagem técnica reservada a especialistas, muito diferente do que era antigamente. O ponto central dessa questão parece ser a perda da relação com o outro, ou seja, o afastamento político, no sentido geral da palavra, com as outras pessoas da comunidade. Não há como negar que as universidades se esforçam em levar certos conteúdos a determinados meios, mas talvez esses esforços não sejam tão grandes quando comparados com a antiguidade. Há, além disso, os que vêem a filosofia antiga como uma conduta de evasão:

[...] seja entre os platônicos no céu das Ideias, seja entre os epicuristas na recusa da política, seja entre os estoicos na submissão ao Destino. De fato, essa maneira de ver as coisas é duplamente falsa. Inicialmente, num primeiro nível, a filosofia antiga é sempre uma filosofia que se pratica em grupo, quer se trate das comunidades pitagóricas, do amor platônico, da amizade epicurista, da direção espiritual estoica. [...] As concepções políticas podem ter sido diferentes segundo as escolas, mas a preocupação de exercer influência na cidade ou no Estado, sobre o rei, sobre o imperador, sempre permaneceu constante.<sup>118</sup>

Ora, temos o maior exemplo da filosofia ser um ato político, o qual visava o despertar da consciência em seus concidadãos e um olhar para si mesmo. É de extrema importância colocar aqui que toda a filosofia antiga é feita na cidade e para a cidade. Pode-se resumir que a filosofia é estritamente vinculada a um ato político em seu sentido mais amplo. Toda a transformação do ser se resume em ser não apenas indivíduos melhores, mas cidadãos melhores. A filosofia antiga, nesse sentido, não é apenas para o “eu”, mas para o outro também, fazendo-os despertar de suas falsas crenças e agir de forma reta e justa, o que é possível ver principalmente na *Apologia a Sócrates*, de Platão:

Não tenho nenhum cuidado com o que a maior parte das pessoas cuida. [...]. Eu me engajei não nessa via..., mas naquela onde, a cada um de vós em particular, farei o maior bem, tentando vos persuadir a se preocupar menos com o que se tem do que com o que se é, a se tornar tão excelente e racional quanto possível.<sup>119</sup>

Hadot (2014) defende que a filosofia antiga possui uma preocupação de viver a serviço da comunidade e destaca sua dificuldade. Isso se explica pelo fato de permanecer, por um esforço sempre renovado, no plano da razão e não se deixar levar pelas paixões políticas, cóleras, preconceitos. Há uma necessidade de se manter sempre no equilíbrio entre a paz interior, a qual a sabedoria fornece, segundo Hadot (2014), e as paixões do meio que se está

---

<sup>118</sup> Ibidem, p. 273.

<sup>119</sup> PLATÃO, *Apolog. Socrat.*, 36c1.

envolvido - “mas a sabedoria consiste precisamente nesse equilíbrio, a paz interior é indispensável para poder agir com eficácia”<sup>120</sup>.

---

<sup>120</sup> Ibidem, p. 274.

## 5. UMA CRÍTICA À FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA

Quando colocamos, lado a lado, o que foi a filosofia antiga e o que é a filosofia contemporânea, evidencia-se inúmeras diferenças. Não é o objetivo desse trabalho tentar dizer qual seria o melhor tipo de filosofia ou a melhor maneira de se praticá-la, pois não há aqui essa expertise. Ressaltando o que foi dito anteriormente, há uma tentativa de contribuição para a discussão metafilosófica levando em consideração uma prática que existia no início histórico da Filosofia na Grécia antiga. Além disso, pretende-se, assim como Hadot a respeito de Vauvenargues<sup>121</sup>, querer fazer com que se faça amar velhas verdades. Longe de ser original e longe de ser um livro, aqui deseja-se olhar para o passado numa tentativa de enxergar essas velhas verdades e fazer com que as considere como algo que deva ser revivido a fim de procurarmos, na prática filosófica, transformar a nossa visão de mundo, pois aqui é o que se acredita ser o principal objetivo da Filosofia, independente da época. Esse interesse se deve ao fato de que na filosofia atual não é comum observar uma relevância por essas práticas, as quais poderiam ser complementares à pesquisa acadêmica.

A crítica aqui se baseia na visão de Hadot a respeito de Thoreau (1817-1862). Considerado, entre muitas coisas, como filósofo e transcendentalista, Thoreau tem uma posição dura não só em relação à filosofia de sua época, mas à vida de todos os seus concidadãos. Para ele, essa vida pela qual os homens levam (de trabalhar, acumular riquezas) é “[...] pior que a ascese dos brâmanes, que os doze trabalhos de Hércules”<sup>122</sup>. Ele reduz a vida dessas pessoas ao desespero e resignação, pois ignoram que a sobrevivência exige muito pouco das pessoas, ou seja: manter o calor vital. Para isso, basta algumas poucas refeições por dia e algumas poucas horas trabalhadas por mês para que o sustento de seu corpo seja saciado. Querer mais do que isso é, para ele, um desejo por luxuosidades, as quais, além de serem inúteis, servem apenas de obstáculos para a ascensão da humanidade.

O papel da filosofia, para Thoreau, seria o de mostrar às pessoas que o verdadeiro caminho para o ápice da humanidade é o de cultivar as coisas mais simples da natureza e de se abster das coisas consideradas como além do necessário. Thoreau, em seu livro *Walden* (2016), relata a sua experiência de renúncia a vida em sociedade num exercício de busca pela felicidade

---

<sup>121</sup> “Um livro bem novo e bem original seria aquele que fizesse amar velhas verdades”. (VAUVENARGUES, *Réflexions et Maximes*, § 400 apud HADOT, 2014.

<sup>122</sup> HADOT, 2014, p. 301.

se baseando apenas na solidude e na contemplação da natureza. Com relação a essa sua visão, ele diz que “[...] há, nos dias de hoje, professores de filosofia, mas não filósofos” e continua:

Ser filósofo não é simplesmente ter pensamentos sutis, nem mesmo fundar uma escola, mas amar a sabedoria a tal ponto de viver de acordo com seus ditames, uma vida de simplicidade, independência, generosidade e confiança. É resolver alguns problemas da vida, não apenas teoricamente, e sim na prática.<sup>123</sup>

A posição de Thoreau vai além, e defende que, além de não serem filósofos, esses professores vivem num puro conformismo e, segundo Hadot (2014), acabam encorajando os homens a continuar a viver de uma maneira absurda, ou seja, uma vida exacerbada, ou mesmo luxuosa, como diria Thoreau. É importante dizer que ele é considerado um radical, o qual desvinculou-se da cidade para viver no seio da floresta e, em suas palavras, sugar o tutano da vida<sup>124</sup>. Para ele, basta-nos mantermos o calor vital do corpo e aproveitar todos os ensinamentos que a vida possa nos dar por meio da contemplação da natureza. O que vai além disso é, portanto, luxo. Sobre isso, Hadot defende que Thoreau tinha uma vida mesclada da filosofia estoica, da qual ele empresta a consciência cósmica e a contemplação da natureza, e da filosofia epicurista, da simples alegria de ser e de existir.

Não devemos nos espantar com essa mistura de nuances estoicas e epicuristas que colore a concepção que Thoreau faz da filosofia. Goethe, por exemplo, havia falado em suas *Conversas com Falk* de certos seres que, por suas tendências inatas, são metade estoicos, metade epicuristas: ele não achava, dizia, nada de espantoso o fato de que eles aceitam ao mesmo tempo os princípios fundamentais dos dois sistemas e até se esforçam para reuni-los o mais possível.<sup>125</sup>

Esse é um ponto que talvez entre em contradição com a filosofia antiga: ao de renunciar a vida em sociedade. Além disso, no próprio epicurismo, como diz Hadot (2014), a filosofia só é verdadeira quando se está em meio aos outros, e nunca sozinho – “Ora, para o epicurista, não há verdadeiro prazer se não é compartilhado com os amigos”.<sup>126</sup> Isso não ignora o fato, porém, de que o exercício de Thoreau, de sair para o seio da floresta e viver ao máximo de tudo que a natureza pode oferecer, não seja ela mesma um exercício espiritual. Além disso, conforme propõe o autor, o próprio livro *Walden*, ou seja, um relato de sua experiência dessa fuga à natureza, pode ser considerado um discurso filosófico. Apesar de existirem os limites da linguagem ao se exprimir sobre algo, Thoreau (2016) sempre convida o leitor a fazer parte dessa experiência, narrando acontecimentos na floresta e qual eram as suas sensações perante a isso

---

<sup>123</sup> THOREAU, 2016, p. 27-28.

<sup>124</sup> Idem.

<sup>125</sup> HADOT, 2014, p. 308.

<sup>126</sup> Idem, p. 306.

- “Os fatos mais espantosos e mais reais não podem jamais ser comunicados de um homem a outro. A verdadeira safra da minha vida cotidiana é, num certo sentido, tão impalpável e indescritível como os tons da manhã e da tarde”<sup>127</sup>.

## 5.1 A utilidade e a prática da filosofia na atualidade

Visto como era a filosofia antiga e a sua utilidade social e também como se deu a mudança de caráter, no que se refere aos exercícios espirituais, na Idade Média, segundo a visão de Hadot, cabe-nos agora fazer a seguinte pergunta: será que hoje a filosofia contemporânea tem a a mesma utilidade que tinha na época helenística e romana? Hadot (2014) abre essa questão perguntando se a filosofia é um luxo. Tudo o que é tido como luxo é dispendioso e inútil. Aqui não será feita uma análise financeira das condições para a filosofia, pois a discussão seria levada a outros rumos. Será feita, ao contrário, uma reflexão sobre a própria definição de filosofia, pautada na posição do autor, a qual nos levará até mesmo a um drama da condição humana, como sugere ele.

Podemos observar que os considerados não-filósofos enxergam a filosofia de uma forma vaga. Segundo Hadot (2014), eles a resumem num discurso abstrato, compreendido por um pequeno grupo de especialistas, sobre questões incompreensíveis e sem interesse para não filósofos, “[...] que, graças a seu dinheiro ou a uma feliz confluência de circunstâncias, têm o ócio para se dedicar a ela; um luxo, portanto”<sup>128</sup>. Além disso, Hadot (2014) comenta sobre a realidade para chegar ao final de uma formação acadêmica na França, a qual necessita de uma boa base financeira para tal. Sabemos que hoje o cotidiano das pessoas é repleto de diversos afazers, o que inclui o trabalho, os estudos, os lazeres, e isso pode interferir de maneira negativa na formação do indivíduo perante sua formação na Universidade. Independentemente, no final há a pergunta:

E para que lhe servirá realmente, “na vida”, o fato de ter redigido esse exercício de estilo? No nosso mundo moderno no qual reina a técnica científica e industrial, no qual tudo é avaliado em função da rentabilidade e do lucro comercial, para que pode servir discutir as relações entre verdade e subjetividade, mediato e imediato, contingência e necessidade, ou a dúvida metódica de Descartes?<sup>129</sup>

---

<sup>127</sup> Walden, trad. Landré-Augir (Paris, Aubier, 1967), p. 379 *apud* HADOT, 2014.

<sup>128</sup> *Ibidem*, 2014, p. 327.

<sup>129</sup> *Ibidem*, p. 328.

A filosofia, então, seria resumida, nessa perspectiva, a um luxo de uns poucos privilegiados, como algo de um mundo muito pequeno sem influência sobre as grandes escolhas da vida. Em contrapartida, Hadot (2014) expõe a resposta de alguns filósofos para esse tipo de visão, a qual diz que de fato a filosofia é um luxo e um discurso inútil, e acrescenta: “[...] se não houvesse senão o útil no mundo, o mundo seria irrespirável. A música, a poesia, a pintura, elas também são inúteis. Elas não melhoram a produtividade. Mas são indispensáveis à vida. Elas nos libertam da urgência utilitária”.<sup>130</sup>

É interessante pôr em questão aqui sobre a própria palavra “útil”. Segundo Hadot (2014), por exemplo, existem coisas que são úteis para um fim particular, como o transporte, e o que é útil ao homem enquanto ser pensante. Se formos olhar apenas para o fim particular, de que, para algo ser considerado como útil ele teria que ser exclusivamente para fins particulares e materiais, o discurso da filosofia seria, então, inútil. Porém, na perspectiva de ser útil a esse segundo sentido, a filosofia é não só útil como indispensável.

Há a necessidade de tentar definir o que é, pois, a Filosofia para se dizer com precisão sobre a sua utilidade, mas com isso voltamos novamente no maior problema, ou seja, que não há consenso. Hadot (2014) expõe que há uma grande dificuldade em tentar definir a filosofia apenas como um discurso teórico. Além disso, ele também diz que há um problema em ver a filosofia como um luxo:

Se a maior parte dos homens considera a filosofia um luxo, é sobretudo porque ela lhes parece infinitamente afastada do que constitui a substância de suas vidas: suas preocupações, seus sofrimentos [...]. Em face dessa realidade esmagadora da vida, o discurso filosófico não pode lhes parecer senão um luxo irrisório... [...] O que é, em última instância, o mais útil ao homem enquanto homem? [...] Não é, antes, aprender a viver uma vida humana?<sup>131</sup>

Hadot (2014) diz que, em face dessa posição, o discurso filosófico não é mais um fim em si, mas está a serviço da vida filosófica. O essencial dela, portanto, é a vida e a ação – “Sócrates foi um filósofo não por seus discursos, mas por sua vida e por sua morte. E a filosofia antiga permanece sempre socrática na medida em que ela sempre apresentou a si como um modo de vida”.<sup>132</sup> O filósofo é então o indivíduo que fez uma escolha de vida e que adotou um estilo, como o epicurista ou estoico, por exemplo. O discurso está como base para a vida filosófica, mas ele mesmo não é a filosofia.

Nesse sentido, a famosa fórmula “filosofar é aprender a morrer” é uma das definições mais adequadas que foram dadas da filosofia. Na perspectiva da morte, cada instante

---

<sup>130</sup> Ibidem, p. 328.

<sup>131</sup> Ibidem, p. 328.

<sup>132</sup> Ibidem, p. 330.

aparecerá como uma chance miraculosa e inesperada e cada olhar lançado sobre o mundo nos dará a impressão de vê-lo pela primeira e última vez.<sup>133</sup>

Sob essa perspectiva, a filosofia não pode ser considerada como um luxo, porque, segundo Hadot (2014), está ligada à própria vida. Tal modo de viver ensina ao ser humano a arte de viver como tal, além de possuir uma característica de tentar fazer com que as outras pessoas despertem a consciência, igual como fazia Sócrates com o propósito de converter as massas.

Em contrapartida, Hadot (2014) diz que tal filosofia não pode ser senão um luxo. Isso se dá pelo fato de a própria condição humana ter suas preocupações e seus desejos da vida cotidiana, as quais impedem o indivíduo de levar uma vida totalmente filosófica tendo consciência dessas necessidades. Dessa forma, Hadot (2014) afirma que “[...] o drama da condição humana é que é impossível não filosofar e, ao mesmo tempo, impossível filosofar”.<sup>134</sup> Apesar dessa passagem parecer contraditória, podemos analisá-la tendo em mente que em algum momento da vida de uma pessoa ela fará questionamentos de cunho filosófico; por outro lado, a impossibilidade se dá no campo da permanência nesse estado. Sob essa perspectiva, ele evoca novamente a questão do viver filosófico ser um exercício de constante atenção e de constante renovação, pois as urgências da vida cotidiana parecem sempre tirar o indivíduo dessa condição:

Como unir harmoniosamente a vida cotidiana e a consciência filosófica? Isso não pode ser senão uma conquista frágil e sempre ameaçada. “Tudo que é belo”, diz Espinosa no final da *Ética*, “é tão difícil quanto raro”. E como bilhões de homens esmagados pela miséria e pelo sofrimento poderiam atingir essa consciência?<sup>135</sup>

Dessa forma, Hadot conclui que ser filósofo seria estar num lugar privilegiado e, portanto, luxuoso, à parte da miséria e do sofrimento do mundo. Um lugar em que não há o sofrimento da vida cotidiana, ou seja, onde possa haver o ócio para se aplicar a uma vida empenhada a transformação do ser como um todo.

Não podemos deixar de lado, entretanto, a finalidade material, exposta mais acima. Aliar o aspecto das necessidades cotidianas e essas atividades filosóficas parece gerar um conflito, conforme já foi dito. Por outro lado, na perspectiva da qual Hadot diz sobre sempre estar fazendo algo visando a rentabilidade, não podemos ignorar a profissão hoje de professores e pesquisadores da área de Filosofia. Se formos adotar a posição da qual foi defendida aqui, não

---

<sup>133</sup> Ibidem, p. 330.

<sup>134</sup> Ibidem, p. 331.

<sup>135</sup> Ibidem, p. 331.

haveria contradições em viver filosoficamente, no sentido da filosofia antiga, e ser professor ou pesquisador – referindo-se aos professores que Thoreau critica. Tais exercícios viriam, nesse sentido, como complemento de uma vida dedicada à Filosofia.

Ainda nesse tocante, com o avanço tecnológico e científico, diversas áreas vão se especializando cada vez mais, muitas vezes não praticando certos ramos que eram comuns antes. Isso se explica quando comparamos, por exemplo, a medicina, área pela qual os médicos procuram hoje ser especialistas em uma determinada área. Assim também para muitos outros ramos da ciência, pois são, grosso modo, uma forma de estar mais preparado, talvez<sup>136</sup>, em solucionar problemas mais específicos na realidade na qual vivemos hoje. Ora, antigamente, quando um indivíduo estava com algum incômodo em alguma parte do corpo, ela ia em uma pessoa que detinha conhecimentos gerais e poderia resolver grande parte dos problemas de saúde, como receitar algum tipo de chá ou fazer algum tratamento próprio da cultura em que se vivia. Na atualidade, por outro lado, se você vai em um médico, por exemplo, querendo curar certa condição, e se não for do ramo do qual ele estuda, provavelmente ele irá te recomendar outro especialista.

Não só na área da medicina isso ocorre, mas em diversas áreas da ciência (para não dizer todas). E obviamente, isso acontece também na Filosofia. Como foi dito acima, Hadot (2014) defende que na Idade Média os exercícios espirituais ficaram a cargo do Cristianismo e deixou a Filosofia apenas como produtora de material teórico à teologia. Com isso, algo que abarcavam ramos de conhecimentos diferentes – algo que podemos evidenciar em Aristóteles, o qual estudava também a Física, a Biologia –, passou a ficar mais específica, ou seja, mais especializada em um determinado fim. Hoje a Filosofia se especializou cada vez mais e isso podemos observar facilmente quando olhamos para as áreas de pesquisa nas Universidades. Nelas não se estuda, ou não tem como cerne, o aprimoramento do homem enquanto homem, como já foi dito, mas o de especializar em um determinado ramo da própria área, como em Epistemologia, Fenomenologia, Lógica, Ética.

Dessa forma, se formos aceitar o argumento de que houve essas especializações e que os exercícios espirituais ficaram no âmbito da religião, uma questão talvez seja pertinente de se levantar. Tendo em consideração que hoje a maioria das pessoas leva suas vidas com inúmeras atividades específicas, ocupando seu tempo com vários compromissos a fim de poder conquistar condições favoráveis no que se refere às relações pessoais, ao emprego, ao lazer, e

---

<sup>136</sup> Os motivos pelos quais houve essas especializações não foram estudados para fazer esse trabalho e defender esse argumento, pois não cabe aqui fazer uma análise aprofundada dessa questão.

que, mesmo assim, certa parcela dessas pessoas ainda tiram um tempo para praticar atos religiosos<sup>137</sup>; aceitando isso, então praticar os exercícios espirituais hoje talvez seja uma possibilidade aliada com o âmbito da filosofia acadêmica.

Aqui se faz um contraponto com Hadot. Apesar da Filosofia necessitar de um ócio para poder refletir a respeito das questões estudadas, talvez ainda com as urgências da vida seja possível praticar tais exercícios. Não significa, obviamente, que seriam praticados da mesma forma como na Grécia antiga pelos discípulos das escolas, mas que, no exercício de constante renovação, combinaria as necessidades cotidianas com a busca de um aperfeiçoamento da alma, conforme foi discorrido no trabalho.

---

<sup>137</sup> Não é o objetivo desse trabalho defender nenhum tipo de religião. O termo aqui foi empregado no sentido de que, como os exercícios espirituais passaram a fazer parte da religião, praticar tais exercícios seriam um ato religioso, mas não que faça parte, necessariamente, de alguma religião e nem de acreditar em alguma entidade.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dessa forma, portanto, podemos ver, em primeiro lugar, que a filosofia antiga era essencialmente baseada nos exercícios espirituais que Hadot defende. Seja em qualquer escola filosófica, o caminho pelo qual o indivíduo escolhia trilhar tinha que necessariamente criar hábitos que fizesse com que a visão de mundo dele fosse aperfeiçoada, buscando sempre uma transformação e um aperfeiçoamento constante de todo o indivíduo no que se refere a sua visão de mundo e na sua forma de agir nele. Ademais, os discursos filosóficos produzidos nessa época não podem ser analisados à parte, pois são estritamente vinculados à prática filosófica. Sobre isso foi possível ver que os historiadores da filosofia antiga têm um olhar errado, pelo qual aponta Hadot, pois tentam analisar os discursos como sistemas fechados. Além disso, foi possível observar o quão importante foi e ainda é a figura de Sócrates quando olhamos para a antiguidade helenística. Considerado como o Filósofo por ter reconhecido que nada sabia, Sócrates foi um personagem que tinha como princípio de vida o despertar da consciência de seus concidadãos. Viveu e morreu tentando conquistar o seu objetivo de mostrar para cada um que o mais importante da vida era olhar para si mesmo para se conhecerem de verdade e buscarem a verdade de forma autônoma, deixando de lado as falsas concepções que eram impostas pelos que detinham com o poder.

Essa forma de vida, em contrapartida, teve sua mudança. No começo dos primeiros séculos (século II d.C.), na Idade Média, a Filosofia passa a ser, como foi dito anteriormente, apenas uma serva da teologia, pois servia apenas para produzir o material teórico à Teologia. Dessa forma, a prática dos exercícios espirituais para a transformação do indivíduo passa agora a fazer parte do Cristianismo. Isso, na perspectiva de Hadot (2014), implica diretamente no que conhecemos por filosofia contemporânea, isto é, um modo de produzir conteúdo filosófico voltado apenas na produção textual e análise e compreensão de textos filosóficos.

Podemos observar, ademais, que a Filosofia talvez tenha mudado o seu caráter no que diz respeito a sua utilidade. Quando a olhamos sob a perspectiva de ser apenas uma produção de um discurso teórico a respeito de problemas variados, sem vínculo com os exercícios espirituais, a Filosofia parece ter caminhado a sua finalidade a resolver questões particulares em suas diversas áreas, como na Epistemologia, para fim de exemplo. Porém, quando ela é usada para uma transformação que visa melhorar não só quem a pratica, mas mostrar sua importância aos outros também – como um exercício de despertar a consciência no outro, como fazia a personagem Sócrates exposta no trabalho –, parece que a sua utilidade de antigamente é resgatada. Isso, porém, não é de fácil execução. Uma vez que nos dias atuais a urgência e as

necessidades cotidianas nos tomam cada vez mais a nossa atenção, a prática da filosofia vai sendo cada vez mais dificultada, conforme Hadot. Sobre isso, o autor defende que, ao mesmo tempo que é impossível filosofar, isto é, manter-se nesse caminho de transformação pessoal, também é impossível não filosofar.

Foi possível, com tudo o que foi exposto, defender que de fato a filosofia antiga era praticada por meio de exercícios espirituais e que eles constituíam sua parte fundamental. Ademais, apesar das imprecisões, a figura de Sócrates conseguiu ilustrar bem a respeito desses exercícios a fim de mostrar que a jornada do filósofo, apesar de ser individual, necessita de uma outra pessoa. Isso se explica, como vimos, pelo fato de aprimorar o diálogo com o outro para praticar o diálogo consigo mesmo como forma de meditação.

Além disso, foi possível observar que, apesar das críticas à filosofia contemporânea, não podemos deixar de levar em consideração as necessidades do cotidiano da maioria das pessoas quando tentamos trazer para a atualidade a mesma prática dos exercícios de antigamente. Entretanto, nos parece promissora a ideia de que é possível conciliar uma vida de estudos acadêmicos da Filosofia com as práticas de exercícios espirituais visando um aperfeiçoamento enquanto ser humano.

Por outro lado, se formos analisar uma vida totalmente dedicada a uma transformação individual, como defende Hadot à luz das atividades filosóficas de antigamente, isso já não se caracterizaria, hoje, como filosofia, mas algo voltado à religião. Dessa forma, parece que comparar a filosofia antiga com a filosofia contemporânea, produzida hoje, seria tentar comparar duas coisas que não parecem estar no mesmo nível de comparação. Isso, obviamente, tomando como base que o cerne da filosofia antiga eram os exercícios espirituais.

Logo, devido as especializações dos diversos campos de conhecimento e da ciência e das necessidades do cotidiano, como trabalho e sustento – como já falamos –; e devido a necessidade de se fazer provar qualquer tipo de teoria e argumento, coisa que é necessária para solidificar o conhecimento, deixando qualquer tipo de coisa do âmbito “transcendental” de lado, a Filosofia se dá apenas no campo da produção de pesquisas a fim de formar mais professores e mais pesquisadores. Portanto, àqueles que queiram ainda assim praticar uma filosofia inteiramente como modo de vida, ignorando o que ela é hoje, talvez o que mais possa se aproximar disso sejam os ensinamentos de uma filosofia budista, mas isso ficará para um próximo trabalho.

## REFERÊNCIAS

- HADOT, Pierre. **Exercícios espirituais e filosofia antiga**. São Paulo: É Realizações, 2014.
- HADOT, Pierre. **Que é a filosofia antiga (O)**. São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- HODOT, Pierre. **Philosophy as a way of life: Spiritual exercises from Socrates to Foucault**. Oxford UK & Cambridge: Blackwell (1995).
- HADOT, Pierre. **Elogio de Sócrates**. *Lingua 2*, 2008
- NUNES SOBRINHO, Rubens Garcia. **“Platão e a imortalidade: mito e argumentação no Fédon”**. Uberlândia: Edufu 2007.
- PLATÃO. **A República**. 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- PLATÃO. **Fédon**. 2ª ed. Coimbra: Livraria Minerva, 1988.
- PLATÃO. **Mênon**. 1ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2001.
- PLATÃO. **Teeteto** - Crátilo. *In* \_\_\_\_\_: Diálogos de Platão. Tradução do grego por Carlos Alberto Nunes. 3a. ed., Belém: Universidade Federal do Pará, 2001.
- PLATÃO. **O Banquete**. *In* \_\_\_\_\_: Diálogos de Platão Vol. III-IV. Tradução do grego por Carlos Alberto Nunes. 1a. ed., Belém: Universidade Federal do Pará, 1980.
- THOREAU, Henry, D. **Walden**. Tradução Denise Bottmann. - Porto Alegre: L&MP, 2016.
- DUHOT, Jean-Joël. **Sócrates ou o despertar da consciência**. Edições Loyola, 2004.
- VERNANT, P. Mito e pensamento entre os gregos (H. Sarian, Trad.). **São Paulo: Difel.(Original publicado em 1965)**, 1973.